VIDA DE CABARET

REYNALDO GAMA

Vida de Cabaret

1928
COMP. NAC. DE ARTES GRAPHICAS
RIO DE JANEIRO

A

Guedes de Miranda

que soube fazer da minha mocidade
um grito de guerra.

A'

Frasquita

a mulher que me ensinou a peccar.

Capa de MORÉL — traduzindo, na belleza das linhas o seu espirito moço de artista. Minha homenagem.

Vida de "cabaret". Orgia. Mulheres. Perfume. "Champagne" espoucando. Olheiras negras de vicio. Labios vermelhos de peccado. Musica. Cores berrantes. Fantasia. Tragedia. Sangue. Decepção. Sonho. Illusão. Ultimo Capitulo.

VIDA.

Fil-o aos pedaços. Sobre as mesas cobertas de rendas, ensopadas de Grand-Marnier, e nas mesas nuas, borrifadas de cachaça, das tascas immundas dos albergues nocturnos. Busquei impressões na alcova perfumada de sandalo e no leito encardido dos hospitaes. Boccas sujas de veneno fizeram-no cheio de peccados. Labios virgens, puros, cobriram-no com beijos innocentes. Quando o pús escorria fétido, gangrenoso, a mão santa de alguem limpava a pustula.

E' um livro rápido, de impressões, e de verdades. Podem deturpal-o! Podem cuspir! Podem vomitar! A cicuta tem mais sabor que o vinho de certas fabricas. Prefiro o veneno ao antidoto.

R. G.

Sonho de opio

ADOLPHO AISEN — lutou e venceu.

Admiro os fortes e detesto os fracos. Por isso sinto-me feliz em dedicar-lhe "Sonho de Opio".

ERA uma sala enorme. Oitenta e dois metros de comprimento e vinte e seis de largura. Janellas gothicas rodeavam-na em toda extensão. Quarenta columnas de marmore negro sustentavam uma gigantesca cupula de bronze cravejada, em toda circumferencia, de pequenas pedras, numa confusão extravagante de côres.

Vinte negros herculeos, completamente nús, immoveis, verdadeiras estatuas vivas de musculo, sustentavam uma cabeça de Medusa cujos olhos eram da côr dos olhos dos tigres e cujos cabellos eram serpentes de fogo.

Cortinas pretas de velludo cahiam pezadas por sobre os arcos das janellas. No centro das cortinas, brilhavam caveiras, bordadas a oiro, que sorriam canalhamente no espetaculo amarelo dos seus dentes á mostra.

Uma mulher alta, magra, esquelética, verdadeiro cipó de carne, torcia-se toda, em convulsões terriveis, soltando gritos agudos de volupia, abraçada com um negro que se tornava mais bruto e mais forte na sua immobilidade.

Suspenso por duas argolas brancas de crystal, pendia um tapête azul bordado, em alto relevo, com fios de prata, numa copia perfeita do celebre fresco de Herculanum, em que uma criança nua bailava na mão de um tocador de flauta, ante os olhos devassos dos commensaes que se divertiam em presença daquelle quadro acirrante. O tapête banhado por um jorro forte de luz que vinha de um holophote azul escuro, tinha tonalidades bizarras. Três grandes quadros a oleo, em moldura branca de marfim, representavam as cabeças cynicas de Bathylo, Pylades, e Fabaton.

O extremo norte da sala era occupado por uma phenomenal cabeça de Buddha com a bôcca escancarada e com a lingua, côr de lôdo, pendida para fóra. Derredor do pescoço de Buddha, um collar marchetado de mil e tantas pedras preciosas, de tonalidades dif-

ferentes, parecia um pyrilampo fantástico de mil e tantas côres. Na testa de Buddha, um grande holophote, á guisa de olho, riscava de luz os contornos da sala. De quando em vêz, labaredas vermelhas de fogo lambiam a garganta de Buddha numa apotheose de luz.

Uma estatua de mulher, de proporções gigantescas, completamente nua, côr de leite de cabra, com as pernas escandalosamente abertas, mãos nas nadegas, curvadas para traz, jorrava perfume pelos ouvidos e pelas narinas.

Um velho leproso, de cabelleira grande, fôfa, revôlta, como ondas em furia, passava por sobre as manchas rubras das feridas vivas, uma esponja, vermelha de borracha, embebida de ether. Uma criança monstruosa, aborto horrivel da natureza, curvada sobre o busto de uma negra, bebia, sofregamente, jactos de sangue "*foncé*" que sahiam aos borbotões dos mamillos turgidos da negra.

Uma lua triste de crystal da Bohemia, da côr de rubi oriental dentro de um copo de leite, com dois metros de circumferencia, imbutida num grande espelho de prata antiga,

tinha por baixo, em letras de esmeralda, versos de Leopardi:

"Che fai tu, luna in cie? dimmi, que fai
Silenziosa luna?"

Dentro de uma bacia triangular de porcellana vermelha, rodeada de pequenas lampadas da côr das verbenas molhadas, uma cabeça congestionada de mulher loira balouçava num liquido escuro, côr de café torrado.

Uma voz cavernosa, talvês da garganta de Buddha, reboava soturnamente pela sala:

"Paris!! Paris! Paris "baton"! Paris "rouge"! Paris "cabaret"! Paris "coty"! Paris verde! Paris azul! Paris devassa! Paris luxuria! Paris "coquette"!

"E's a mulher mais sensual do mundo!

"Paris ! Paris !

"Bemdito sêja o inferno quando se vem de Paris !"

E a voz continuava:

"Senhor! Senhor! Piedade!

"Há dois mil annos que soffro! Os meus olhos já teem a côr dos seculos e os meus cabellos não mais crescem! Cortaram-me as mãos e as pernas e enterraram-nas nas areias

quentes do deserto! Sinto que a cataracta do tempo quer cobrir os meus olhos doentes! Conheço a linguagem de prata das estrellas e o segredo medonho da profundidade dos mares! Durmo na cama de fogo de Satan e me cubro com o manto de purpura dos Cezares.

"Num dia de colera, comi a lingua de Messalina e devorei as entranhas de Agrippina! Ensinei a Edipo o enygma da Esphinge e cuspi na cara de Moysés! Roubei o fogo eterno das vestaes e quebrei a sagrada pedra de Mecca! Fabriquei o veneno dos Borgias e queimei o coração de Othelo!

"Senhor! Senhor! Piedade!

"Salomão foi o maior de todos os degenerados e Cleopatra a mais feia de todas as mulheres!

"Quando a sêde me devora a garganta, bebo o sangue das mulheres polacas na caveira de Hamlet! Os olhos de pedra das pyramides guardam o mysterio do desconhecido! O mais bello gesto da vida de Nero foi ter incendiado Roma!

"Quando faz frio, Senhor, quando o frio é forte e intenso, e o nevoeiro é terrivel, es-

quento o meu corpo na fogueira de luz dos olhos das mulheres !

"Paris, berço das miserias do mundo! Paris, sonho morbido de todos os viciados! Paris! Paris! Palavra magica que nos faz lembrar a vida!

"Senhor! Senhor! Piedade!"

Houve silencio e a voz cavernosa não mais voltou.

A criança horrivel devorava, agora, os seios da negra entre gritos selvagens, e a mulher esquelética, cipó, cahia, exhausta, nos pés de um negro. O velho torcia-se desesperadamente e, como louco, continuava a esfregar a esponja de borracha, imbebida de ether, nas feridas pustulentas que cada vez mais se alastravam pelo seu corpo.

A lua de crystal era, agora, vermelha, ensanguentada, como um talho que sangra. E o espelho de prata antiga tinha reflexos azues caracteristicos. E as esmeraldas dos versos de Leopardi eram da côr das brazas vivas.

De um sarcóphago de ebano, com hieroglyphos em amarelo, uma mumia egypcia de mulher sahiu silenciosamente, dirigiu-se a um

negro, retirou do seu talabarte, côr de bronze velho, uma faca de aço incandescente e cortou um pedaço da lingua de Buddha. Depois, mechanicamente, pegou do fragmento da lingua, mergulhou-o numa taça de barro, derramou por cima um liquido côr de azeitona, disse algumas palavras incomprehensiveis e se dirigiu, novamente, para o sarcóphago de ebano. Minutos após, uma nuvem cinzenta de fumaça envolveu a taça de barro e, dentro de uma explosão branca de luz, surgiu um corpo magnifico de mulher.

E ella dançou, branca e nua, nua e branca, terrivelmente branca e nua, num movimento desordenado das nadegas, com um tremor prodigioso dos musculos da coxa, a *cordax,* dança predilecta da Roma antiga, da Roma dos gladiadores potentes e dos coliseus tapetados de sangue.

Os seus cabellos eram da côr das madrugadas frias, e os seus olhos eram mais verdes que as mais verdes folhas das mais verdes. O seu corpo immensamente branco, da côr dos brancos flocos de neve, era como que um grito branco de peccado na balburdia da sala.

Ella corria e dansava, dansava e corria.

Na vertigem dos movimentos ia se approximando da cabeça de Buddha.

Dansava, agora, sobre a lingua.

Estava mais branca e mais divina na garganta ensanguentada de Buddha. Uma labareda envolveu-a pela cintura, apertou-a num laço de fogo, e puxou-a bruscamente para dentro.

A voz desconhecida reboou, novamente, pelos mysterios da sala:

"Senhor! Senhor!

"O castigo de Balthazar paira sobre a cabeça dos impios! Leio no ventre das mulheres o romance de sangue das tragedias futuras! Os templos, Senhor, precisam ser destruidos! Precisam ser destruidos os templos! As imagens sagradas devem ser queimadas! Novos apostolos devem ser crucificados! Vejo as patas do cavallo de Attila pizando por sobre as cabeças da humanidade! Um diluvio de peccados cahirá sobre o mundo! Um vendaval de miserias açoitará as desgraças do povo!

"Senhor! Senhor! Piedade!

"Piedade para os que soffrem e não teem

pão! Que o chicote do vosso odio não fustigue as costas em osso dos desgraçados! Que o azorrague da vingança não sangre as carnes magras dos infelizes!

"Senhor, mandai Daniel e que elle venha decifrar, para os olhos que não veem, os hieroglyphos terriveis que apparecem na prata das estrellas !

"Jerusalem, a cidade dos lazaros, será o "pivot" da libertinagem!

"O exercito de Pharaó resuscitará das aguas do Mar Vermelho!

"O sangue, Senhor, será o alimento do povo, e as religiões as fontes interminas de sangue! Dos escombros de Sodoma e Gomorrha, surgirá o templo de Satan! E as mulheres judias cobrirão de beijos devassos os discipulos de Onan! Além, muito além das columnas de Hercules, Sapho prostituirá as crianças! E o mundo será uma bacchanal unica de amôr!

"Senhor! Senhor! Misericordia!"

Os meus olhos castanhos procuraram descobrir nos recurvos, nas anfractuosidades, nos labyrinthos de arte da sala, um ponto qualquer para a explicação daquella voz absurda.

Todo o meu esforço de acuidade visual não lobrigou o menor indicio possivel; todo o esforço morreu na impossibilidade do desconhecido. Pelo meu rosto pállido, senti passar, de leve, numa caricia prolongada, a mão macia e delicada, como uma petala de rosa, de uma mulher terrivelmente bella cujo contacto veio me lembrar a delicadeza molhada dos brancos tecidos das rendas de espuma.

E a mão deslisou pelos meus cabellos em desordem, segurou-os com força, puxou-os brutalmente, minha cabeça pendeu para traz, uns labios carnudos, quentes, estupidamente quentes, comprimiram os meus labios e uma ponta nervosa de lingua passou irriquieta e desordenadamente pelo esmalte frio dos meus dentes pequenos.

Os musculos dos meus braços delgados, num esforço cyclopico de energia concentrada, tentaram quebrar, com um aperto forte de macho, o corpo maravilhoso de mulher que se enroscava ao meu corpo.

Caso estranho succedeu.

Os meus labios que sentiam a pressão de outros labios, os meus olhos que viam a per-

feição de um outro corpo, o meu olfacto que se embriagava com o perfume caracteristico de um corpo de mulher, o "frisson" morbido de volupia que percorria, numa sensação typica, as minhas carnes, não poderam comprehender que, quando os meus braços procuraram apertar um corpo que eu via, sentia de encontro ao meu, nada encontrassem, a não ser o vacuo, apezar de eu ter a certeza que um corpo de mulher se apertava contra o meu corpo.

Uma sensação desconhecida de torpor percorreu-me todo, da cabeça aos pés, e eu senti a impressão de uma anesthesia fluidica de gôso que me paralysava os movimentos.

Os holophotes cobriram-se de luto e as pequeninas lampadas, de côres variegadas foram se apagando, uma a uma, como estrellas no céo. A sala ficou completamente ás escuras, apenas, de vez em vez, da garganta de Buddha, as labaredas de fogo vivo tingiam a escuridão com enormes faixas amarelas de luz.

Um silencio eucharistico, um silencio frio de inverno, um silencio frio de um quarto de enfêrmo, prendeu, com as algemas da melancolia, a belleza alegre da balburdia da sala.

Até as esmeraldas, os rubis vermelhos do Thibet, as saphiras, os diamantes azues e as opalas leitosas, eram tristes, no espectaculo nostalgico das côres.

Junto aos meus pés, cahiu um bloco de crystal e como se elle fosse jogado pelas mãos de Phyrra, immediatamente, se transformou num lindo corpo de mulher.

E ella, nua, inteiramente nua, era como uma lampada de luar de prata na tristeza que me cercava. Os seus labios se abriram, e a sua voz era tão dôce e suave como se fôsse o som de uma harpa tangida pelas mãos divinas de David. E ella falou:

— "Senhor, o meu nome é Psyché; Nemésis enviou-me para ser a tua companheira. Ella quer se vingar de Cupido fazendo com que um mortal venha a tocar no meu corpo, alvo de leite, com as mãos sujas da poeira da terra.

Cupido morrerá, Senhor, se os teus labios, ou as tuas mãos, tocarem no meu corpo. E eu Psyché, flor de belleza, mais bella, talvês, que a propria Venus, morrerei tambem, Senhor, abraçada com o meu unico e primeiro

amor. Tem compaixão! Este templo é o templo negro da Vingança! O castigo que te espera é terrivel! Sei que os teus olhos sahirão das orbitas, e as tuas lagrimas serão lagrimas de sangue. As tuas unhas sangrarão as tuas carnes, e o teu corpo soffrerá tanto como se fôsse coberto com a tunica de Nesso. Sê, para mim, o que Narciso foi para as mulheres e eu procurarei aliviar, um pouco, o teu grande soffrimento! Sei que o teu estomago soffre uma fôme devoradora e a tua lingua, completamente sêca, experimenta o supplicio da sêde.

"Euphrosina, Thalia e Agalia pedirão a Icaro o figado de Prometheu e, para a tua sêde, darei um pouco da agua da fonte de Hippocrene nas taças de carne dos seios de Aspasia.

"Formosas cortesans resuscitarão as dansas lubricas da antiga Grecia e os teus olhos morrerão de volupia ante o esplendor magnificente das bailarinas nuas".

Numa orgia mirifica de luz, as lampadas se incandesceram e uma claridade forte se espraiou abruptamente por toda extensão da

sala. Duas mãos enormes, em forma de concha, arrebataram Psyché!

Da garganta de Buddha, surgiu um negro herculeo trazendo nas mãos um corpo envôlto, inteiramente, por uma tunica alvissima de linho.

As mãos grosseiras do negro rasgaram a tunica de linho e um corpo moreno de mulher cahiu desastradamente por cima de uns fragmentos de vidro.

O negro como uma féra, atirou-se á belleza nua daquelle corpo, mordeu-o todo, e, entre intergeições de gozo, estrácinhou-o completamente. Depois, com uma navalha verde de vidro, separou a cabeça e, numa gargalhada selvagem, atirou-a para os meus pés. Horrorisado, meu amôr, vi que, aquella cabeça, era a tua cabeça, e parti, como um louco, sobre o negro. As suas mãos enormes seguraramme o pescoço e os meus dentes cravaramse nos seus pulsos numa lucta titanica. A respiração já me era um pouco difficil, os meus olhos, eu os sentia congestionados, quando despertei com as pancadas do chinês cobrando-me o preço do opio.

Cocaína

I

VOCÊ me disse um dia que sabia uma historia muito triste — um romance de amôr.

...e eu achei muita graça e me ri muito de você.

O tempo passou... passou...

... e eu fiquei pensando na historia de você.

II

UM sol redondo, rubro, vermelho de sangue, cobre de fogo a areia branca de crystal da praia immensa de Copacabana.

Um calor que asphyxia, que mata, que enerva, envolve tudo num circulo parado de mormaço.

O verde das folhas das arvores enruga-se numa crispação estupida de dôr. Tem-se a impressão, olhando-se a praia, de longe, que toda ella é uma faixa incandescente de fogo.

3 horas da tarde!

O mesmo calor, o mesmo fogo, o mesmo mormaço, o mesmo sól queimando tudo!

Um corpo moço de mulher, dentro de um "maiollot" azul fantasia, atravessa, lentamente, o passeio e caminha, soberbo, magnifico, numa exposição maravilhosa de belleza nua.

É o sol, num grito de peccado, numa volupia de bebedo, lambe aquelle corpo todo de mulher, com os raios mais quentes dos seus olhos em braza.

E a areia branca da praia beija-lhe os pés numa caricia mórna, longa, infinita.

E o mar attónito, parado, sentindo aquelle corpo de mulher reflectir-se no espelho verde das suas aguas, envia-lhe as mais lindas rendas de espuma na esperança, talvês, de o possuir um dia.

E ella, assim, indifferente a tudo, estatua de carne em movimentos, na belleza encardida do seu corpo moreno, no verde magnifico dos seus olhos grandes, no preto revôlto dos seus cabellos crêspos, caminha lentamente, rolando as nadegas, numa ataxia provocante de musculos.

E vem, e, com gestos preguiçosos de mulher devassa, estira-se toda na areia numa posição estudada de modelo.

Uma, duas, três horas, ella fica assim, immovel, deitada, olhos fechados, qual esphinge perdida, esquecida, á beira de um tumulo qualquer.

Vida de Cabaret

Quando o sól, cansado de a ter beijado muito, desapparece na curva longinqua do infinito; quando a noite, medrosa, estende, aos poucos, o seu manto de sonho por sobre o corpo nú da cidade; quando do mar não mais se vê o verde e ouve-se, apenas, o soluço magoado da sua alma que soffre, ella, a mulher esphinge, levanta-se e sáe e caminha lentamente, e desapparece, deixando em tudo o perfume forte das suas carnes moças.

Havia qualquer cousa de anormal na vida dessa mulher morena.

Quem a olhasse demoradamente, observando bem todas as phases do seu espirito, numa anamnese muda de interrogações, notaria, por certo, algo de estranho no silencio triste daquelles olhos verdes.

Ella — MARINA.

Carne.
Melancolia
Tristeza.
Sonho.
Volupia.
Mulher.

III

ELLE tinha qualquer cousa, de vago, de mysterio, naquelle corpo franzino de rapaz moderno. Moreno claro, cabellos castanhos finos, estatura baixa, sobrancêlhas espessas, cilios longos, olhar gelado, frio, penetrante, mãos pequenas, delgadas de mulher, elle era, na realidade, um todo feio e, ao mesmo tempo, sympathico dentro da sua tristeza estranha de moço. Dotado de uma intelligencia rara, era tido, por diversos como um degenerado, por muitos, um doente, e, pelas mulheres, um timido, um fraco, ao passo que outras o tinham por um viciado, um perdido, um frequentador nocturno dos "cabarets". Quando fitava alguem, os seus olhos castanhos, pareciam ver distante, bem longe, algo do passado perdido no esfuminho das distan-

cias. E ficava assim, alheio, esquecido, horas inteiras, como se procurasse decifrar, dentro de seu sonho, o segredo secular dos mortos. Vêzes, porém, o contraste era perfeito. Alegre, brincalhão, um sorriso de felicidade nos labios, era o mais gentil, o mais attencioso, o mais delicado de todos. Um galanteio aqui, um paradoxo ali, uma phrase fina de espirito acolá, elle era outro, completamente outro, inteiramente mudado. Eu tenho, dizia elle sempre, muitas personalidades dentro de mim mesmo — nunca pude comprehender o meu temperamento.

E era uma verdade.

Quem privasse da companhia desse moço esquisito, tornar-se-ia ou um amigo dedicado, ou um inimigo por principios.

Certa noite, uma chuva miuda, fina, irritante, molhava a cidade.

Elle tinha sahido de casa sem um destino certo. Caminhava como um automato, machinalmente, sem se lembrar da vida. Os seus passos eram curtos, nervosos, ora largos, incertos. Vêzes marcha de ebrio. Syndrome nervosa.

Sentido inverso vinham duas mulheres. Uma protegida por um agasalho escuro de velludo; outra, vestido simples de chita, braços nús, agua a escorrer pelo corpo.

A primeira o conhecia e pediu que elle arranjasse uma dormida para sua companheira, menina pobre, operaria, que tinha perdido a ultima barca de Nictheroy.

Apesar de pobre, a menina operaria era de uma belleza interessante, um pouco fóra do commum.

Elle accedeu.

Em casa, á luz pállida do quarto, cobrindo o rosto com as mãos, a cabeça apoiada numa almofada grande de sêda, ella, entre soluços, confessa ser uma rapariga honesta e que ali se encontrava obrigada pela necessidade, presa ás circumstancias.

Elle sáe e passa toda a noite na rua como um vagabundo.

E ella fica sosinha, mais confortada, entregue ao seu destino de menina pobre.

Outro facto, porém, vem dizer, de perto, algo do temperamento mórbido desse moço pállido.

Maria Thereza, uma moreninha de quinze annos, magra, olhar inexpressivo, cabello carapinha, falando "nós vae", e sem um quê de interessante num corpo de mulher, teve a infelicidade de procurar emprego, um dia, na casa desse rapaz extravagante, sem alma, sem caracter, sem sentimento.

E ficou no serviço leve de copeira.

Uma bella tarde, mezes depois, elle lia, deitado em um divan oriental, versos de Baudelaire, emquanto Maria Thereza, despreoccupada, passava um panno molhado numa estatueta de marfim japonês. De um salto, bruscamente, elle se atira sobre a pequena, subjuga-a, morde-a toda num desespero de cão hydrophobo, derruba-a sobre o divan, e, louco, furioso, barbaro, sacia o seu desejo de macho na carne innocente de Maria Thereza.

Depois, rosto congestionado, labios anemicos de cólera, saliva a escorrer pelo canto da bocca, toma de um rebenque de coiro crú, segura a criança pelos cabellos, arrasta-a até á porta, e a expulsa no meio de uma saraivada doida de pancadas.

Em um papel, pregado á margem de um

livro de *de Haro,* onde se lia "Porque soy imaginativo, nunca me han reconocido talento. Ellos ignoran que el hombre, se tiene algo de divino, es la imaginación, su facultad creadora" — elle escreveu o seguinte:

"O homem de talento é sempre mediocre. Feliz o homem que da cabeça só admira os cabellos. A imaginação é o cinema dos cerebros doentes. E os doentes são insupportaveis".

No "Les Patibulaires" de Jean & Paul Fiolle, em "Obsession", encontramos: — "L'amour du foyer, de patrimoine moral des ancêtres? Ah! ah! um peuple! Qu'est ce qu'an peuple, sinon un amas de muscles, d'os et de muqueuses, avec beaucoup de matières fécales dedans?"

No "Vortice de Amor" de Felipe Sassone: — "Si; el amor es el *leit motif* en la sinfonia de la naturaleza. La vida es una musica. Para unos, fandango; para otros, elegia. Yo canto mi vida, y mi vida es una canción triste cuyo estribillo es el amor."

Podemos observar um pouco, nas annota-

ções de Fiolle e Sassone, o espirito desse moço pállido em suas contradicções irritantes.

Numa calligraphia miuda, nervosa, perpendicular, medindo, talvês, o branco do papel elle escreve justamente o contrario do que pensava quando leu López de Haro:

"Um povo não é somente musculo, não é somente osso, não é somente mucosa, é muito mais! E' o producto infinito de uma raça! E' a lucta desesperada, secular, titanica! E' a victoria do homem contra a natureza! E' cerebro! E' intelligencia!

"O amor é miseria, pobreza. E' o cancro dos desgraçados, dos infelizes. Um homem de talento, de espirito, é incapaz de amar. Amôr é synonimo de analphabetismo. E' commum o se dizer que *fulano*, rapaz de grande valor, está seriamente apaixonado por *sicrana*. Observemos o typo: — no fundo é uma besta! Quem faz, da vida, uma canção de amôr, faz da mulher uma necessidade. Quando a vida é uma cousa muito mais seria e a mulher... uma mercadoria barata nos mercados!"

Era um rapaz assim: nunca se sabia, ao certo, quando dizia uma verdade ou uma men-

tira. A sua vida, um problema a resolver; o seu eu, um labyrintho de interrogações, de duvidas, e de mysterio.

Elle bem podia recitar os versos dolorosos de Krasinski:

— "Powiedz, orle! orle mój !
Bialoskrzydlny, niezmazany,
Skad tych ezarnych mysti rój ?
One rosna-gdzie kajdany !

— "Ach! niewola saczy jad
Co rozklada duchów skład!
Niczem Sybir niczens knuty
I cielesnych tortutr krol!"

... e os versos sinceros de Milano:

"Não! não me fere esse invio chão pizado;
dóeem-me os dias qu'inda não vieram;
o que eu sinto é cansaço do futuro!...

Quando a tarde era azul e uma volupia quente de peccado espicaçava as carnes de luxuria, elle era frio, inglês, e todo o seu tem-

peramento doente parecia dormir sob o manto falso de um indifferentismo estupido.

Quando, porém, a tarde era monótona e uma garôa triste, molhada, envolvia a cidade num manto branco de innocencia, elle era ardente, sensual, e as suas carnes gemiam sob o fogo do seu temperamento de macho.

Elle — WALDEMAR.

Ansias.
Desespêro.
Inquietude.
Miseria.
Vida.
Homem!

IV

HA cousas, na vida, inexplicaveis. A's vezes, um decimo de segundo, uma insignificancia qualquer, um olhar, um sorriso, transtornam, por completo, todos os nossos planos. E temos, então, ou o desmoronamento, a ruina, a miseria, ou a gloria, o triumpho, a victoria decisiva.

Avenida de sabbado.

Movimento intenso. Barulho infernal. Sêda. Luxo. Apparencias. Estomago vasio. Exposição de vestidos. Hypocrisia. Mentira.

Cáe um lenço perfumado de mulher. A mão franzina de um rapaz apanha-o.

Ella agradece. Olham-se. Exclamações.

— Oh!!

— Oh!!

— Quanto tempo !

— Viva!!!

E saem conversando.
(Destino?! Acaso?!).
— Não sei !
Tornam-se amantes.

V

Um luar branco, cheio de pudor e de malicia, olha sorrateiramente, pela janella de prata da lua, o borburinho intenso da vida. Ha uma preguiça espiritualizada em tudo. A noite quente tem fantasias exóticas de mulher histerica. Um silencio, doloroso como o remorso de Judas, faz arrepios de mêdo na consciencia fidalga do passado.

— Olha, Marina, como aquella Salomé de Regnault parece um quadro de Wutaotzü. E aquelle morcêgo enorme, preto, pintado na parede, tem qualquer cousa da alma de Pöe. O teu *nankin* desconhecido, sem dono, dá-me a impressão de uma gotta do veneno dos Cas-

tracani sobre as pupillas de um gato. Repara como a *agua-forte* de Rops tem a belleza eterna do Dorian Gray. A *Margarida* de Raphael está horrivelmente mutilada pelo tempo. Marina, preciso um pouco de licôr; quero molhar os labios para poder beijar a estatua da Innocencia.

— Vavá (era assim que ella o chamava na intimidade) que extravagancia!

Vives a dizer cousas absurdas. Pareces um louco!

— Ora, minha filha, os loucos são tão felizes que tenho inveja delles.

Ser louco já é ser alguma cousa. Quantos passam pela vida e morrem como miseraveis escravos! Ser louco é ser independente!

— Misericordia!

— E o licôr, Marina? Prefiro o de leite, tem mais sabor de peccado.

— Estás, hoje, impossivel !

— Impossivel, meu amôr, é fazer daquella lua um broche de gravata; das estrellas, brincos para as tuas orelhas; do luar, um vestido de baile. Tanta cousa! Sabes o que eu acho mais impossivel ?

— Não !

— Deixar de te amar !

— *"Ai, é? muito ma contas!"*

— As mulheres são sempre assim! Só acreditam nas mentiras! Olha, Marina, eu estava falando serio. Não reparaste nas minhas asneiras?! Pois bem, tinha sido mais uma!

— Obrigada.

— O licôr parece feito de pús.

— Immundo!

— Um dia ainda hei de provar um pouco de sangue com algumas gottas de *Grand-Marnier*. Preciso uma sensação nova para os meus nervos. A vida está banalissima. As mulheres só se suicidam com permanganato de potassio ou kerozene. Nunca mais um escandalo sensacional! Nada! nada! Tudo velho! A mesma monotonia de sempre!

— O licor é tão forte assim?!

— Forte é esse tedio terrivel que me embriaga! E dizer-se que ha muita gente preferindo cortar uma perna para não morrer! E' o cumulo! A morte, pelo menos, nos faz esquecer a vida!

— E a vida nos faz pensar na morte.

— Olha, Marina, a lua está redonda e vermelha como uma moeda de oiro.

Quem sabe se as estrellas não são as joias da lua?! Já reparaste a côr das madrugadas? Ellas teem o perfume dos teus cabellos. Muitas vezes penso que a lua é um sol com cataracta. As tuas olheiras, meu amor, parecem duas noites de insomnia. Se eu podesse escolheria três cousas para mim: O segredo dos tumulos dos pharaós, os olhos de Salammbô, e o nariz de Cleopatra. Ah! o nariz de Cleopatra! . . . .

— Francamente, Vavá, não estás bom! Falas sem nexo, cousas desbaratadas, extravagantes. Que farias, então, com o nariz de Cleopatra ?

— Senta-te aqui, filhinha, ao meu lado. Ha muito tempo que tenho tido vontade de te confessar um segredo. Faltava-me a coragem. Hoje, porém, te direi tudo. Sou um viciado, um perdido, um desgraçado! Eu queria o nariz de Cleopatra para nelle guardar cocaina.

— Guardar o que?

— Cocaina.

— Vavá!!!

— Antes de te conhecer, conheci outra mulher. Faz muitos annos. Ella era tudo para mim. Noite e dia luctava como um desesperado. Era-me a vida, nesse tempo, mesquinha e má. Os meus olhos choravam de fadiga e as minhas mãos tremiam de fome. Minhas roupas esfarrapadas, meus sapatos rôtos, e nem uma choupana para me abrigar da chuva! Os meus amigos fugiam de mim como se eu fôsse um leproso. Era horrivel, Marina! Era horrivel! O desejo, porém, de vencer, a necessidade de triumphar, alimentavam-me o espirito e desdobravam as minhas energias. E eu luctava, luctava mais, cada vêz mais! Um dia, sorriu-me a victoria. E o oiro, o oiro da recompensa dos meus esforços, todo o oiro ganho com trabalho, com sangue, e com suor, joguei-o aos pés dessa mulher! Arranquei-a da miseria! Dei-lhe sêda, luxo, tudo o que ha de melhor na vida! Dei-lhe tambem o meu amor...

— Vavá!

— Como é triste recordar, Marina! As lagrimas mais sinceras são as lagrimas da saudade!

— E ella?

— Fugiu com o meu "chauffeur!"

— Nunca mais a viste ?

— Nunca mais !

— Dahi...

— Eu ter procurado na cocaina...

— Esquecer o teu amor!

— Não! não! Procurei, somente, tornar a existencia mais agradavel, dando um pouco de fantasia ás cousas banaes da vida. A cocaina faz esse milagre. Queres experimental-a?

— Enlouqueceste ?

— *Bobinha!* no começo todos teem esse grito, essa revolta; depois estão pedindo, supplicando uma "pitada". A que eu tenho aqui é da "bôa", *Merck* legitima; custou-me duzentos mil reis a gramma. Ha muitas falsificadas, é preciso cuidado. Estás vendo este papel por cima desta rôlha(e mostrava o vidro) tem o nome de "guindaste"; facilita assim a abertura do frasco sem o risco de se perder um só fragmento. Limpa-se bem a mão esquerda com um lenço de sêda, segura-se o vidro com o polegar e o medio da mão direita e, com o indicador, dá-se uma pequena pan-

cada; cáe, então, uma quantidade diminuta, depois, outra pancada, em seguida, uma terceira, e tem-se assim uma "pitada". Com o dêdo minimo bem enxuto junta-se a cocaina na escavação da unha e, dahi, se a transplanta para uma das narinas. Aspira-se, então, fortemente, fechando ao mesmo tempo, o outro orificio do nariz com o pollegar da mesma mão. E o resultado, meu amôr, é maravilhoso! No começo, porém, a "poeira" traz um mal estar extraordinario. Vomitos, falta de ar, vista turva, muitas vezes, suores abundantes e varios outros symptomas interessantes. Depois tudo passa, tudo isso se acaba, e o que nos cerca toma aspectos inteiramente differentes. A imaginação é mais viva, mais fertil; o olhar adquire um brilho mais intelligente; os nervos ficam com mais vida, emfim, nós nos sentimos outro.

Olha, Marina, como aquelle "abat-jour" parece uma poça de sangue.

A lua está mais fria e a pállidez das cousas mais accentuada. O teu Christo de barro tem reflexos vivos de cobre velho. As estrellas são pontas accesas de cigarros no cinzeiro

da noite. Marina, eu queria tomar cocaina no teu umbigo. Consentes ?

— Oh! isto é demais !

— E's uma mulher sem espirito, *banalissima, futilissima!* Não mereces o meu amôr! Uma mulher que não toma cocaina só presta para ser amante de um padre.

— Basta !

— Desejo ficar só!

VI

NUNCA mais, Marina, tivera um momento de calma depois daquella noite. A sua vida tinha se tornado um verdadeiro inferno. Atirada sobre o divan, ella passava os dias chorando perdidamente como uma criança de berço. As noites eram terriveis. Olhos abertos, immoveis, fitos na pendula do relogio, marcando, um a um, os segundos que passavam tristes, monótonos, num compasso lento, irritante, perverso.

Aquella phrase não lhe sahia mais dos ouvidos: — "a mulher que não toma cocaina só presta para ser amante de um padre". Tomar cocaina... ser amante de um padre... E repetia duas, três, cinco, dez vêzes, allucinadamente.

Os olhos injectados, vermelhos de chorar, não mais tinham a alegria doida dos olhos verdes. Cabelleira maltratada, olheiras pro-

fundas como um tumulo, roupa encardida de sujo, Marina parecia viver fóra da vida, alheia a tudo, numa despreoccupação de freira.

Era ali, por traz do busto negro de Gosangé Mio-Hô, que Waldemar escondia o "velludo branco" dentro de uma caixa de setim com dezenhos de Heinrich Zille. E, como que magnetizada pelo olhar da divindade Buddhista, ficava, horas infindas, contemplando, religiosamente, *o deus da luz e da intelligencia.*

Será verdade? Será mentira? A cocaina, effectivamente, produzirá essa sensação morbida, estranha, que nos faz pensar num paraiso desconhecido, cheio de fantasias berrantes e de côres vivas? Será verdade? Será mentira?

A duvida, o mêdo, o receio, minavam-lhe o espirito fraco de mulher.

A curiosidade venceu-a.

O vicio dominou-a.

E Marina
perdeu-se
para
sempre...

VII

"Marina

PELA ultima vez venho pedir o que tantas vezes, junto a ti, com lagrimas nos olhos, suppliquei debalde. Seria um crime meu consentir, sem uma palavra de revolta, sem uma queixa, uma censura siquer, nesse vicio terrivel que, paulatinamente, vae carcumendo a tua belleza e a tua existencia.

Já não tens mais aquella mocidade feliz e alegre que se via brincar no verde garrafa dos teus olhos. Já se descobre, ao longe, as sombras da velhice branqueando os teus cabellos, e o moreno cheiroso de teu corpo não mais possue o calor das carnes jovens e sadias. A tua bocca vermelha, poço de veneno e de peccado, onde os meus labios mortos de sêde buscavam a hostia dos teus beijos, parece até, Ma-

rina, os escombros de uma ruina abandonada nas cinzas frias do passado. Todo o teu corpo cheira a cemiterio e os teus olhos lembram o mysterio da morte. Uma pállidez amarela de cadaver cobre o teu rosto como um manto de agoiro.

Por que me abandonaste ?

Por que preferiste os braços rudes de um mechanico aos meus braços delgados de artista? Que caricia desconhecida encontraste nas mãos callosas desse trabalhador vulgar? Nenhuma, por certo! Fugiste de mim porque eu não consentia mais que tomasses cocaina. A verdade é esta! Pois bem, Marina, ainda é tempo de viver. Precisas dominar o vicio! E a tua mocidade tão cheia de belleza voltará a viver, novamente, com o mesmo esplendor de outr'ora.

Ser intelligente é ser dominador. Dominar é vencer. O vicio só é bello quando nós podemos dominal-o. E' preferivel uma mulher bonita dizer que toma cocaina sem nunca a ter experimentado. A illusão é a mesma, o effeito é identico. A alegria da vida está em saber mentir. Eu nunca, Marina, tomei cocaina.

E' um vicio nojento, róe toda a mucosa do nariz. Eu a comprava pelo prazer de illudir, não só aos outros como a mim mesmo. Jámais pensei que aquellas minhas palavras doidas, desbaratadas, viessem ter uma influencia tão grande no teu espirito. A mulher que toma cocaina tem para mim o mesmo effeito da mulher que fuma caximbo ou ponta de charuto.

E's muito moça, podes ainda vencer. Fortalece os teus nervos, educa a tua vontade segundo os teus caprichos, procura fazer da vida uma boneca de cêra, malleavel aos teus dedos, e terás, sempre, o prazer de dominar. Mil vezes a morte ao fracasso !

Por que não voltas para a minha companhia? Seremos dois a luctar!

A victoria, talvês, sêja mais facil. Se porém, Marina, preferes o vicio ao triumpho, perdôa quem te fez tão desgraçada.

Teu

Waldemar".

VIII

— Elle?
— Vive com outra mulher.
— Ella ?
— No manicomio.

....
....

O tempo passou... passou...

...E eu fiquei pensando na historia de você.

Noite de febre

HA dias na minha vida em que me sinto triste. Sinto-me nervoso e começo a pensar. Os homens... as mulheres... o mundo... E a fita cinematographica de minha vida vae se desenrolando paulatinamente, como estas fitas cinematographicas de projecção lenta.

Vêjo com nitidez perfeita as scenas de meu passado; quadros bellissimos que marcaram dias; horas deliciosas que passaram céleres, deixando a recordação suavissima de um perfume subtil; paisagens coloridas, cheias de encanto, traduzindo, na simplicidade das côres, os momentos os mais deliciosos dos deliciosos de minha existencia. A nitidez é perfeita. As côres são vivas, cheias de alma e calôr. Palminhos de caras, as mais formosas, cheios desse encanto pueril que caracte-

risa as crianças; olhos, os mais quentes e os mais frios, os mais negros e o mais pállidos, os mais celestes e os mais esmeraldicos, resuscitam e vivem e me olham e eu os vejo a todos, como os tinha visto ha muitos annos atraz.

Tudo, tudo que riscou de leve o papel branco de minha vida, tudo que se foi e deixou vestigios, eu vejo, sinto, com uma nitidez tão perfeita, tão adoravel, como nos maravilhosos sonhos de opio.

Devo estar embriagado por algum perfume.

Eu estou triste.

Não tenho motivos para estar assim.

Por Deus! O céo está tão lindo. Chove tanto... Não! estou delirando! E' o delirio dos que soffrem. E' o remorso dos que não procedem bem.

Quero morphina, muita morphina; quero ether, embriagar-me de ether; cocaina — como eu gosto de cocaina; opio — quem falou em opio?! Foi o unico veneno que ainda não provei. Dizem que é delicioso — não gosto das cousas deliciosas.

Quero cinzas; qualquer cousa morta; um

cadaver de mulher bonita; uma cousa sem vida... assim... que seja como eu...

Não doutor, não posso escapar. O meu passado é criminoso, é cheio de mulheres.

Sim, foi naquelle dia. Roubei-lhe um beijo. Os seus labios estavam tão quentes, que queimaram os meus. Olhe como elles ainda estão quentes ! Enganei-me. Infelizmente me enganei. E' febre, simplesmente febre! Uma febre horrivel que me escalda o cerebro. Estou sendo queimado. A medicina requereu fallencia. Os medicos, meu Deus, estão doentes! Os doentes estão tratando dos medicos. Esta febre ha de passar. E' impossivel, ella não pode continuar.

Olhe, doutor, estou ficando negro. Não, negro não! Quero ser um chinês, um chinês muito amarelo, com uns olhos muito rasgados e obliquos — quero ser um chinês estrabico. Vou me vingar! Tragam-me um espelho! Eu vou me rir delle. Elle vae pensar que sou chinês. Coitado, é tão estupido que só reproduz aquillo que a gente é. Estão vendo?! Esta cara não é de chinês. Ah! não me recordo; mas este rosto eu já o vi. Sim, este rosto...

parece... sim... este rosto, estou doido, é o meu rosto.

Um dia me encontrei com uma mulher.

Era bonita.

Os seus cabellos eram tão lindos que ella os cortou "á la garçonne". Tinha um pescoço tão delicado que parecia ser feito de sêda chinêsa. Os seus seios, os seus pequenos seios, eram duas bolas de bilhar. O meu cigarro apagou-se e accendi-o na braza dos seus olhos.

E o fumo, o fumo do meu cigarro, tinha o perfume do corpo della.

Esse perfume azêdo, agradavel, das mulheres que não tomam banho.

No pescoço havia um collar de perolas roseas, transparentes, ligadas por um delgadissimo fio de lagrimas crystalisadas — o collar era falso. Fiquei apaixonado por elle, gosto immenso das cousas falsas.

E' por isso que adoro as mulheres.

Uma joia falsa é admiravel, representa o talento do artista e a mentira da realidade. Tambem gosto dos paradoxos. Elles teem o gosto esquisito das frutas amargas. Faz-nos lembrar as dôces. E' tão agradavel olharmos

uma cousa falsa, ella nos faz pensar na verdadeira.

As perolas daquelle collar me fizeram lembrar umas perolas perfeitas de um nacarado oriental, que eu vi em uma fita de cinema.

O cinema...

Quem não gosta do cinema?! Todos nós rimos e choramos das mentiras delle.

Estou um pouco melhor. O meu cerebro está tão frio que parece uma mulher allemã.

Gosto da mulher brasileira. Ella é semelhante a esses desertos immensos, sem fim, nos dias em que o sól brinca de queimar a areia.

Aquella mulher, que eu vi, parecia um Sahara torcendo-se de calor, rindo-se das cócegas produzidas pelos beijos do sol.

Aquella mulher! Quem diria?! Eu nunca vi aquella mulher.

Estou muito melhor. O meu corpo já se move. A minha perna já se contráe. Chove! Está chovendo torrencialmente. Os ladrões estão satisfeitos. Os limpadores noctivagos das ruas estão contentes.

Eu tambem estou contente.

As nuvens beberam demais e estão vomitando agua, muita agua. Coitadinhas, amanhã estão com sêde. Este meu quarto está quente. Elle é muito perverso. Está fazendo inveja ás estufas quebradas das Universidades.

Por favor tirem-me esse mosquito daqui. Elle é muito banal. Canta a noite inteira em troca de sangue. Não gosta de dinheiro. E' imbecil.

Eu sou louco pelo dinheiro. Com elle podemos comprar as pessôas honradas.

Esta dôr de cabeça decididamente não passa.

Duas horas da manhã.

...ella é tão pállida, tão desmaiada que ninguem a vê. E' tão pequenina, deste tamanho. Mas é muito bonitinha — parece um cliché de jornal. Tem uns dentes miudinhos, tão medrosos e nervosos, que só vivem juntinhos, agarradinhos.

Hontem...

Ai! o meu pulso está desapparecendo. Voltou. Sim! está voltando. Bate com tanta

força que até parece um motor de automovel Ford.

...ella passou junto a mim; vinha pisando de mansinho e o vento a levou. Elle foi muito máo, abusou — ella é muito leve.

Não! Não tomo este remedio, tem o gosto de charuto apagado. Por falar em charuto apagado, quem viu hontem uma mulher velha ? !

Gosto tanto das mulheres velhas; ellas são delicadas e deliciosas quando as luzes estão apagadas. Os labios dellas, murchos, arruinados, parecem bagos de jaca molle. E as mãos, cheias de rugas, de sulcos, cacimbas, buracos, quando passam pela pelle da gente, produzem um "frisson" delicioso de nojo.

Esta injecção de oleo camphorado, doutor, está me dando uma sensação desagradavel, parece um cinema sem musica ou uma partida de "foot-ball" sem torcida. Os meus musculos estão se contraindo, tremendo de tal forma, como se estivessem dançando um "shimmy" desengonçado de "cabaret".

"Cabaret"...

Panno verde, rolêtas ébrias bailando ao

compasso febril da mão de um "croupier" chlorotico...

Eu não supporto mais esta cabeça. Arranquem-na! Quem me déra uma Salomé que desejasse a minha cabeça! Havia de ser agradavel para o meu cerebro, sem vida, sentir o calôr dos labios sensuaes de uma mulher judia.

O doutor não sabe a causa de minha molestia. Vou contal-a.

Um dia tomei cocaina diluida em um copo de cerveja embriagada de ether. Immediatamente vi á minha frente, uma mulher esquisita.

Vinha vestida de preto e trazia ao hombro um manto verde. Tinha os pés descalços, pintados de um doirado brilhante, e cheios de estrias sanguineas. No seu rosto, muito alvo, notavam-se pequenas manchas arrôxeadas, semelhantes a essas manchas que enfeitam os corpos doentios das meninas histericas. Trazia, á cabeça, um enorme morcego de formas esqueleticas. Em sua cintura, á maneira de cinto, desenhava-se em côres vivas, a figura esdruxula de uma serpente venenosa. As suas mãos delgadas e compridas pareciam as te-

clas de um piano empoeirado. Os seus olhos, escandalosamente redondos, tinham a côr de "champagne" tomada em taças de ébano. Os seus labios sangrentos pareciam um talho de navalha, dado num rosto syphilitico de meretriz por um amante idiota.

Era uma mulher absurda.

Uma mulher-ether, cocaina e cerveja.

Parecia um cadaver querendo brincar de carnaval.

Ella olhou-me.

O meu corpo começou a tremer como se estivesse atacado de um accesso de impaludismo. Aproximou-se de mim. O meu olhar ficou parado, immovel, como as superficies de lagos descriptos por poetas esfomeados.

(Os poetas são assim, quando teem fome, veem tudo parado).

A mulher cada vez mais se aproximava de mim. Eu já sentia o cheiro podre dos seus pulmões em decomposição.

Mais um segundo e, pegando a minha cabeça, passou os seus labios nos meus. Tive a impressão de uma lesma viscosa, cheia de lepra, que tivesse sahido de alguma geladeira e

começasse a "footingar" por sobre os meus labios.

Ah! doutor, o beijo daquella mulher me poz doente...

Estou cansado, não posso mais falar, a cabeça ainda me dóe, eu vou dormir...

Bem, doutor, até amanhã.

Beijo de sangue

UM grande "abat-jour" côr de rosa tingia a claridade branca de uma lampada fôsca.

Os vidros embaciados das janellas serviam de alparluz translucido para a luz mortiça de uma lua tristonha, imbutida na cravação nevoenta de um céo azul.

Cortinas verdes, esmeraldicas, desciam por sobre bellissimas arcadas ogivaes de maravilhosa architectura. Mil estatuêtas, das mais variegadas formas, ornavam moveis dos mais variegados estylos. Em cima de uma columna de finissimo marmore de Paros tic-taqueava, num insochronismo irritante, a pendula de bronze de um enorme relogio. Em um pequeno altar, côr de cereja, via-se a figura triste de Gautama envôlta em uma tenue fumaça, produzida pela queima de pequenos fragmentos de pó amarelento da Arabia.

Ao lado de uma paisagem de Millet, des-

cansava o quadro magistral de Mieris, no modelo divino de uma virgem núa e deliciosa, cheia de mêdo, ante a frieza da agua de uma pequena piscina. No tecto desenhava-se uma collossal aranha, na sua faina incessante de fiar, no symbolismo mais perfeito da trama da vida.

Por sobre uma columna de madeira preta, com frisos e arabêscos côr de ouro e prata, erguia-se uma estatua de Mephistopheles, na mais vermelha das suas gargalhadas, ante um quadro devasso de Messalina.

Era tudo isso o aposento de uma mulher perdida.

Perdida — chamavam-na a sociedade, as familias podres, os burguezes, os apostolos ridiculos de uma moralidade hypocrita.

...chamavam-na as mulheres casadas que viviam soltando gritos de espasmo nos braços canalhas dos amantes tôrpes e dormiam "na sagrada paz de um lar honesto".

...chamavam-na esses homens de saia preta que vivem nos templos deturpando a moral sagrada de Christo e, na intimidade das familias, cantam baixinho, junto aos ou-

vidos das meninas innocentes, o miserere de sangue das volupias negras.

...chamavam-na as mulheres que em vida nunca experimentaram, nunca sentiram, o calor de fogo dos beijos quentes de amôr.

...chamavam-na essas mulheres de convento, de faces maceradas, de olheiras profundas, discipulas dos vicios occultos, miseraveis pedaços de carne, encarcerados entre quadro paredes de tijolo e cal, no mais ridiculo de todos os histerismos — no histerismo das contas de vidro de um rosario.

Honesta, digo eu.

Honesta, — porque desprezou a fortuna de um "coronel" obeso, uma fortuna accumulada pelas especulações tacanhas das miserias do mundo, uma fortuna arrancada dos pobres operarios que ficaram com as mãos calosas e supportaram, dias a fio, os raios quentes de um sol abrasador que os causticava barbaramente.

...porque preferiu a liberdade á imposição de um pae que procurava, mercadejando sua filha, encontrar o ouro para os seus prazeres, o ouro que elle não soube ganhar ho-

nestamente, o ouro que havia de manchar as suas mãos, porque era o sangue de sua filha.

Yêdda era o seu nome.

Vejo-a, ainda, como na ultima noite em que a vi.

Recostada, mollemente, em uma magnifica ottomana, fumava um Abdulla com fragmentos de cocaina. A sua cabelleira, annelada e revôlta, vista através da tenue claridade projectada pelo "abat-jour" côr de rosa, mostrava varios lindos fios de cabellos côr de prata.

Foi numa noite de inverno.

Havia silencio entre nós dois. Apenas o som da pendula do relogio cortava a mudez do ambiente.

Yêdda levantou-se, começou a andar com passos curtos e nervosos, e, apparentando a calma falsa dos jogadores que perdem, falou com esse tom de voz que possuem os somnambulos:

— "A vida, meu amigo, é um verso de Baudelaire nos labios carminados de uma mulher bonita. E' qualquer cousa exótica e agradavel. Um perfume venenoso que se as-

pira. Um sonho que se esváe no mimetismo acustico de um violino dolente.

Eu já perdi a sensação da vida. Vivo trazendo nalma o olhar cansado das mulheres tristes e o cerebro arruinado das dementes. Para mim o mundo passa indifferente e eu passo, indifferente ao mundo, como essas folhas sêcas, entregues ao destino erradio das correntezas agitadas dos córregos tortuosos. Tenho a physionomia aparvalhada. Os dias teem a monotonia irritante dos dias nevoentos de outomno. As horas a se escoarem paulatinamente, com o badalar rouquênho das campainhas enferrujadas, parecem um toque de finados, no annuncio precoce da minha queda fatal, do meu desmoronamento inevitavel.

Tudo que me rodeia vive na escuridão apavorante das trevas, na ausencia sentida de um grito de luz. A's vezes tenho a impressão de ser uma mumia antiga que voltasse á vida nos tempos de hoje, alheia a tudo, e se tornasse petrificada, muda, immovel e boquiaberta, ante o panno de bocca escandaloso de nossa civilisação actual.

Uma lucta terrivel se passa em mim; são phrases que surgem e desapparecem, pensamentos que se formam e succumbem na voragem funambulesca das fantasias do meu cerebro doentio.

Esquecer!

Palavra que, talvês, só poderá ser comprehendida pelos cerebros delirantes dos desgraçados paranoicos..

Esquecer !

Na longa comedia da vida, que nós representamos, os unicos que a comprehendem são os palhaços porque riem quando deviam chorar e choram quando deviam rir".

Calou-se, e os seus olhos azues tinham o indifferentismo apagado dos olhares cegos.

Depois jogou o cigarro com desdem e visivel aborrecimento, e, completamente absôrta, contemplou as espiras azues de fumaça que subiam e desappareciam numa elegancia de traços futuristas.

Levantei-me e olhei o mar distante, na agua parada de seu espelho verde. Ao longe, na volta da praia de Botafogo, os bondes pas-

savam silenciosos, levando por sobre os bancos o cosmopolitismo aberrante das grandes cidades.

Um chuvisco fino e irritante borrifou os vidros fôscos das janellas.

Yêdda soffria porque não podia esquecer o seu amôr.

O unico amôr talvês da sua vida.

Aos vinte annos era uma flor rubra de carne cujas petalas eram feitas de peccados.

O seu corpo era mais bello que as mais bellas estatuas das mais lindas mulheres. Era mais perfeito porque as estatuas representam, apenas, a nudez da concepção na paralysia dos movimentos.

Yêdda, tendo da estatua a perfeição das linhas, possuia tambem o calor môrno dos objectos que vivem e, os seus labios, vermelhos de papoila, eram o holocausto de sangue dos beijos lubricos de amôr.

Fez-se bailarina.

O seu corpo tinha arrepios de febre e a attracção dos abysmos quando, inteiramente nú, divinamente nú, se torcia na dança da

Serpente Verde, na epilepsia prolongada dos movimentos rythmicos.

Yêdda fascinava.

Yêdda deslumbrava.

Os homens de dinheiro machucaram-lhe as carnes, morderam-lhe os seios, molharam-lhe o corpo com a baba da luxuria, mas nunca a comprehenderam, porque Yêdda, para elles, era somente a mulher que passava na rapidez estonteante dos segundos.

Um dia amou.

Era tarde demais...

Os seus cabellos já branqueavam. O seu corpo era, agora, o sonho triste de um passado. E o seu rosto pállido era o reflexo das noites interminas de "cabaret", das noites de ether e cocaina.

O seu amôr, porém, era joven e forte.

Era o seu primeiro amôr...

O amor de uma mulher *perdida* é mais sincero que o amôr de uma mulher *honesta*.

Yêdda foi sincera.

"El comediante que llora de veras en su papel no es tal comediante; el autor que se

conmueve con la emocion que describe se confunde com el público. Actores y autores debem subjugar, dominar como dioses, sin conmoverse jamás sinceramente".

Yêdda commoveu-se.

Deixou de ser artista para ser mulher.

A principio preferiu a distancia ao contacto. Dizia: — ama-se melhor ao longe. Depois a carne triumphou.

Era a victoria da materia.

E uma noite recostada em um divan de côro da Russia, coberto de sêda côr de ameixa, a cabeça apoiada em uma almofada de "crepon" azul com salpicos amarelos, os olhos semi-velados, esperava o seu primeiro amôr.

Os labios de Yêdda buscaram, na penumbra, a volupia de outros labios.

E o seu beijo de amôr foi um beijo de sangue...

A tuberculose que lhe carcumia os pulmões, por uma ironia do destino, explodiu forte e violenta, numa hemoptyse terrivel, cobrindo de sangue os labios do amante.

Vida de Cabaret

Yêdda teve a sua primeira decepção na vez primeira que foi sincera em sua vida.

Elle fugiu covardemente.

Depois o tempo... a molestia... a saudade do amôr que se foi... e só
e triste
Yêdda morreu
dentro de uma gargalhada
de sangue.

Meu crime

EU vinha triste.

A rua estava triste e as calçadas molhadas.

Um silencio de tumulo desdobrava-se por sobre o asphalto.

Ninguem.

O ruido dos meus passos soava lugubre e cadenciadamente. O céo estava de luto. Nuvens andejas passavam carregadas de tristeza. Relampagos, ao longe, soltavam gargalhadas de luz na escuridão da noite. Os lampeões da rua pareciam farrapos de relampago, pregados no vestido da noite. O vento no seu desvario cantava serenatas de dôr nas fôlhas molhadas das arvores. E as arvores, magoadas pelo vento, soffriam e calavam. A natureza soltava gritos desesperados pelas boccas negras dos trovões.

A rua era deserta.

A agua da chuva, accumulada, corria doidamente forçando as beiras das calçadas, na sêde iconoclastica de esborcinal-as. Alfinêtadas de frio desenhavam tatuagens indecifraveis na pelle enrugada do meu rosto.

Por todas as partes, por todos os lados, havia o mysterio irritante das cousas mumificadas. O ambiente enforcava-me. A respiração ia se me tornando difficil.

Estuguei os passos.

Apoderou-se de mim uma vontade louca de correr.

Tentei.

As minhas pernas tropêgas batiam uma na outra, numa miseravel falta de equilibrio. Parei exhausto. Tive vontade de envenenar-me. Accendi um cigarro. Por alguns segundos conservei o phosphoro accesso entre as minhas mãos. Olhei-o, com desdem, como se elle fôsse um pequeno cirio á beira do meu caixão. Irritado, joguei-o fóra. De encontro á humidade do asphalto, elle chiou e apagou-se.

Era a morte do phosphoro.

Ao vêl-o morrer, lembrei-me novamente de mim e pensei na minha morte. Dos meus

labios sahiram gritos tremulos de covardia. Gritei como se estivesse perdido num deserto sem fim. Em resposta aos meus gritos, ouvi a minha voz que ricocheteava na parede invisivel do écho.

Caminhei ao acaso, perdido no labyrintho do destino, sem uma bussôla, numa lucta terrivel contra o impossivel.

Devia ser bastante tarde.

Puxei do relogio — estava parado. Como não supporto as cousas inuteis, joguei-o fóra.

A rua continuava deserta.

As minhas palpebras tremiam aos golpes do frio.

De repente, ouço um barulho estranho. Aguço os ouvidos. Eram dois gatos que, em um canto de porta, se amavam na vertigem sensual das paixões desbragadas.

Gosto dos gatos porque amam ás escancaras.

Três badaladas moribundas passaram, por mim, desfallecendo.

Eram três horas da manhã.

Voltei .Apanhei o meu relogio, acertei-o,

e continuei a minha caminhada de inconsciente. Instinctivamente parei junto a uma porta. Pelas frinchas da janella coava-se uma luz, desmaiada pelo palôr da madrugada. Ebrio de curiosidade — olhei. No meio da sala havia um caixão. Dentro delle, qualquer cousa sem vida, jázia immovel.

Devia ser um cadaver.

Era um cadaver de mulher.

Pensei no phosphoro.

Mais algumas horas e os jornaes contariam a sua morte. Seria o assumpto do dia. A felicidade de uns e a miseria de outros. Recordei-me, então, que tinha vindo de um enterro. O meu, porém, era differente de todos os outros. Os jornaes não falariam — os imbecis não poderiam commental-o. Julguei-me, em certo ponto, feliz e, entretanto, eu tinha sido o assassino.

Com as minhas mãos destrui o que eu mesmo tinha construido. Foi um crime miseravelmente covarde. O corpo ensanguentado de minha victima o depositei na catacumba negra dos cemiterios êrmos. Da sua morte fui o unico espectador. A minha victima mor-

reu aos poucos. Ha crimes que o criminoso se arrepende de ter commettido. Infelizmente o arrependimento sempre vem nas occasiões em que não devia ter vindo.

Tentei o impossivel para salval-a.

E desgraçado, impotente contra todas as forças que me cercavam, assisti aos ultimos momentos do corpo que tinha sido tudo na minha vida e que desfallecia nos meus braços, nos braços que o assassinaram.

Morreu.

Ninguem soube de sua morte. Os meus amigos e inimigos ignoraram-na.

Eu mesmo fiz o seu enterro. De lagrimas construi o seu caixão.

Cobri o seu corpo com o manto triste das minhas desillusões. E tarde, tarde da noite, levei-o ao cemiterio dos meus sonhos. Num grito de desespêro, tentei reanimal-o.

Era impossivel.

Não se pode luctar contra a morte. E, paulatinamente, o seu corpo desceu para a catacumba do meu sonho.

Chorei.

Ajoelhado no seu tumulo, pedi com fé,

com a fé dos desgraçados, que Deus me ouvisse, resuscitasse o que tinha sido na minha vida a hostia das minhas esperanças. E Deus, como sempre, calou e não me respondeu. Cobri o seu corpo com as ultimas lagrimas dos meus olhos.

Levantei-me e sahi. Vinha transformado, descrente de tudo e de todos. E, louco de dôr, comecei a andar sem destino, ao acaso, como um naufrago da vida.

* * *

Olhei mais uma vez para aquelle corpo de mulher morta e parti. A minha sombra perseguia-me. Irritei-me. Tive nojo de minha sombra como se tivesse nojo de mim mesmo. Felizmente, porém, ella não falava.

Talvês que fôsse a sombra do meu crime!

Quem sabe?! Talvês...

* * *

A rua continuava deserta.

No cadinho do meu cerebro fervilhavam ideias as mais desbaratadas.

Um enorme, um grande remorso, navalhava o meu consciente. Dezenas de cigarros succediam-se na minha bocca. Eu tinha a sensação de que fazia a caminhada absurda para o irrealisavel. Os meus olhos bisturisavam a escuridão da noite. E a noite rasgava-se ante o escalpello dos meus olhos. No cotovelo de uma esquina, parei.

Gritos histericos de mulheres, em communhão com a musica sentimental de um tango triste, vieram morrer nos meus ouvidos. Olhei para o alto — dançava-se em um primeiro andar. Talvês que a embriaguez da musica viesse annullar a embriaguez do meu espirito.

Subi.

Ia galgando aquelles degráos como se caminhasse para um monstro desconhecido.

Era um "cabaret" de luxo.

Mulheres rodopiavam vertiginosamente nos braços dos amantes. Tudo era luxo. Respirava-se, bebia-se e falava-se somente em cousas luxuosas. Apalpei as minhas algibeiras — dinheiro sufficiente para uma garrafa de "champagne". Escondi a minha miseria num

riso de cinico e sentei-me a uma mesa côr de sangue.

As mulheres arreitadas soltavam gritos de gatas no cio. A alegria aberrante daquellas lôbas infernaes veiu augmentar a tristeza do meu espirito.

Ia me levantar.

Não supportava mais a balburdia daquelle ambiente. Pensei, porém, no dinheiro da "champagne" e fiquei. A garrafa espoucou num grito de guerra. Triste, olhei para o meu dinheiro que se agitava e fervilhava dentro daquella garrafa. O liquido amarelo era, agora, um lago prisioneiro numa taça de crystal.

Indifferente ao meio que me cercava, bebi — á saude de meu crime.

Bebi como bebem os loucos, na inconsciencia estupida dos seus cerebros.

O veneno do alcool fez-me bem. Com o cerebro bebedo, olhei aquelle ambiente de bebedos. Mariposas do luxo queimavam as suas azas nas chammas do vicio. Rapazes do luxo queimavam as azas das mariposas.

Uma differença, infinita, paradoxal, separava-me de tudo aquillo.

Defronte de mim, em uma mesa de ébano, uma mulher de luto bebia e aspirava uma flor rubra e perfumada de ether. Os nossos olhares se encontraram e se comprehenderam. O olhar da mulher de luto tinha a nostalgia dos cemiterios. Os nossos olhares eram irmãos.

Ella veiu sentar-se a minha mesa.

Por algum tempo falámos a linguagem nobre do silencio. Depois, ella, me olhando bem dentro dos olhos, sorriu e disse:

— A' saude do teu crime.

Aquella mulher conhecia o meu segrêdo.

Sabia da existencia do meu crime. Tinha presenciado tudo. Quem seria aquella mulher?!

E com um olhar diabolico interpellei-a:

— Quem és ?

— Na bacia dos seculos baptisaram-me com o nome de Felicidade. Os homens, porém, ignorantes, chamaram-me Morte. E nunca mais se lembraram que eu era a Felicidade. Para todos, hoje, eu sou a Morte.

Não tenhas mêdo de mim. Lembra-te do meu nome de baptismo. Presenciei, junto a ti, o teu crime e o desmoronamento de tua vida. Nunca, nos bilhões de meus dias, tinha assistido a um enterro mais original.

Infelizmente, elle não pertence aos meus dominios. Tu mesmo mataste aquillo que creaste. Enterraste no cemiterio dos teus sonhos, o cadaver da tua illusão, hoje, ella é morta. Ninguem jámais poderá resuscital-a. Della, tinhas feito a tua obra de arte. E, agora?!... não passas de um desgraçado!

Triste, acabrunhado, ouvi as ultimas palavras da minha amiga de luto. Bebi mais um pouco de "champagne" e batento nos hombros da minha companheira:

— Tens razão, Felicidade !

Adeus...

Vicio e veneno

ERA a tarde um quadro azul, com reflexos rubros de um vermelho vivo e longas e infinitas faixas de um amarelo esmaecido.

Um sol anemico, tuberculoso, morria entre nuvens brancas, no desespêro agonico de uma golfada de sangue.

Andorinhas ciganas riscavam o espaço, desenhando hieroglyphos, na vertigem do vôo.

O mar era um grito verde de crystal no silencio da tarde.

O panno verde da rolêta da vida estendia-se ante os seus olhos tristes.

Centenas e centenas de jogadores, unidos, apertados entre si, na lucta de um logar, formavam uma massa compacta, densa, que se prolongava, se estendia e se confundia na curva da distancia.

Elle caminhava automaticamente. O jogo da vida seduzia-o.

A rolêta fascinava-o.
E elle foi.
Jogou
e foi feliz.

Noite fria, humida, doentia.

Uma sombra esquálida deslisa na meia escuridão de uma rua triste.

Elle.

O cerebro em febre procura uma mulher.

Uma voz humida e fria como a noite, lambe os seus ouvidos. Uma mulher vêsga, estrabismo convergente, face pállida de cêra, segurou-o pelo braço.

E elle disse: é preferivel um pesadelo de Lorrain a um quadro de Rembrand. E ella sorriu e os olhos choraram de saudade.

A saudade da belleza que se foi num capricho do destino.

...depois a vida continuou. As mesmas illusões, os mesmos sacrificios, a mesma monotonia.

O tempo célere passava pelo collo de cysne das ampulhetas.

O turbilhão da lucta era mais forte, mais intenso, e as miserias do mundo se alastravam pelas paginas negras dos mysterios da vida.

... e o jogo seduzia-o e a rolêta fascinava-o.

Jogou
e perdeu.

Eil-o só.

O seu andar é tropêgo e morbidas as suas fantasias. O seu olhar negro de velludo negro bisturisa a escuridão da noite. No perfume da noite elle busca o olhar estrabico da mulher pállida.

Ella vem mais feia e mais divina — sorri e diz:

— Sou a tua imaginação. Uma massa maleavel que se amolda á tua fantasia.

Transforma-me.

E da mulher feia surgiu a plastica magnifica das mulheres bellas.

E elle — estheta — amou e foi feliz.

SALOMÉ !

Não pensem que é a de Régnault. Nem a de Moreau, nem a de Ghirlandajo, nem a "cendré" de Romanelli, nem a loira do Louvre de Guerchino. Tambem não é a depravada de Carlo Dolce, a lubrica de Heinz, nem a sensual de Baudry, nem a innocente de Baroche, nem a Salomé carne de Wilde. Tambem não é a que você está pensando. E' outra. Inteiramente differente. E' uma moreninha cheia de syphilis e com uns olhos rasgados de amendoa. Foi tudo na vida. Empregada da Sloper. Dactylographa da Central. Bilheteira de cinema. Dançarina de Cascadura. Um dia, coitada, amou. Foi feliz. Teve muita sêda, muito vestido bonito, muito brilhante verdadeiro, e depois... muita syphilis. Hoje é pensionista do Juliano Moreira. E' baixinha, magrinha, e tem a mania de contrariar. E' uma mania como outra qualquer. Ha muita gente solta na rua que devia estar na "garçonniére" do Juliano.

* * *

— Bom dia, Salomé.

— Bôa noite.

— Sempre mais bonita, mais sympathica.

— O dr. Abreu Fialho faz operação de cataracta sem dôr.

— Como vão os "coroneis"?

— E' uma lucta, meu filho! Os "gigolôs" não me deixam.

— Tens tido saudades do Casino?

— Qual! A vida aqui é um verdadeiro paraiso. O Juliano é de uma delicadeza "á la cocotte". A Lôla, na falta de cocaina, canta o dia inteiro — e a voz da "garota" é bem agradavel.

— E o "poker", Salomé? Nunca mais?!

— Nunca mais? De vez em quando!

— Como ?

— Eu, a Poupée, a Marôska e a Zézé somos as parceiras.

— E o baralho ?

— Jogamos com as estrellas.

— Ahn !

— E' um jogo serio.

— Comprehendo.

— Não ha "bluff".

— E quando não ha estrellas?

— Jogamos pornographia. A Marôska é terrivel. Ganha sempre.

— As tuas unhas estão vermelhas como bagos de romã. E' Saby?

— Não! é sangue do nariz.

— O teu apartamento continua vasio. Parece chorar a tua ausencia.

— Aqui estou mais confortada. Os homens não me procuram. Teem mêdo de mim.

— Este teu perfume é Chypre?

— Tolinho! E' o perfume da Poupée.

— Garanto que é Chypre!

— Ah! ah! ah! E' "bôa"! Ah! ah! ah! O Chypre da Poupée é banha de porco.

* * *

Salomé, como é triste a tua historia! Flôr morena de carne atirada á lama fétida das sargêtas! Zaimph sagrado estracinhado pela consciencia negra dos miseraveis! Grito forte de belleza perdido na immensidade muda dos desertos! Lirio branco de innocencia no pollen doirado das alegrias da vida!

Quem te viu, tambem, Salomé, no farfalhar das sêdas, na caricia quente dos arminhos, nos perfumes raros do Oriente, num arco-iris fantastico de belleza e de brilhantes !

E quem te vê, agora, Salomé !

Farrapo encardido do passado! Angustia parada no crepusculo nostalgico das tardes nevoentas! Gargalhada infeliz de "clown"! Miseravel pedaço de carne, sem nervo, sem calôr, sem alegria, dentro da realidade estupida da vida !

* * *

— Este teu perfume é Chypre?

— Tolinho! E' o perfume da Poupée.

— Garanto que é Chypre !

— Ah! ah! ah! E' "bôa"! Ah! ah! ah!. O Chrypre da Poupée é banha de porco.

CASINO Beira-Mar.

Leque de barro com desenhos de Sautello.

Tinha havido resaca.

O mar ainda estava um pouco agitado, as suas ondas, quasi encapelladas, subiam e quebravam-se num desespêro agonico.

— Vê, disse-me ella — apontando para os destroços causados pela inconsciencia das vagas — minha alma está em ruinas, entulhada de escombros, como aquella praia. Uma tempestade intima, na effervescência crescente de sua furia, destruiu todos os meus sonhos e deixou-me anniquilada, fragmentada, na confusão inutil das cousas que se quebram.

Ella
carnes morbidas das mulheres de Ticiano,
bacia larga, quadris redondos,
Venus de Graenach.
Mulher "bungalow" — interessante.
Mulher commum de "cabaret".

Num delirio de sons, na convulsão demoniaca de gritos estridulos, começa o "jazz-band" a sua musica barulhenta.

Homens e mulheres, ao compasso infernal das notas abracadabrantes, esfregavam-se, apertavam-se, na vertigem da dança.

Era o "cabaret" um sonho azul de sensualidades.

Meu pensamento, não sei porque, fugia, fugia, fugia lentamente...

E um paiz maravilhoso, estranho, completamente novo e esquisito, desenrolava-se diante de mim.

A lua era de barro. As estrellas lagrimas verdes. O céo era branco de crystal. Os jardins de fogo tinham crystalisações fantasticas. O mar, uma immensidade vermelha de sangue coagulado. As mulheres azues, e os seus olhos negros eram pequenas gottas de luz, brincando no "abat-jour" de carne das palpebras.

E eu amei uma mulher azul....

Fui feliz.

Os homens de lá não conheciam o amôr.

Meu pensamento fugia, fugia, fugia lentamente...

Vi Salomé.

Era ainda a mesma Salomé — lubrica, sensual e depravada.

Tinha um defeito — não dançava.

Tinha um vicio — vivia com um português.

Tinha uma virtude — sustentava um "gigolô" — Baptista.

Num sobrado de três andares, estylo colonial, Adão possuia uma pensão de mulheres. Dentre algumas, destingui: Lais, Phrynéa, Judith, Esther, Aspasia, e uma hetaira de nariz comprido — talvês Cleopatra.

Adão — velho, cansado, alquebrado, tomava rapé e discutia calorosamente as possibilidades do methodo Voronoff. As mulheres sorriam. Eva resonava profundamente.

Era a "caftene".

"Attention!! Attention!!

Un, deux, trois!

Grand numéro de sensation du cabaret! Mademoiselle Jannette chantéra El Tango Rojo.

Attention!!"

Era a voz do "cabaretier".

Paulatinamente voltei á realidade.

Ella, junto a mim, tinha a physionomia banal das mulheres que vivem indifferentes á vida, das mulheres automatas que passam por tudo machinalmente.

Os seus dedos mergulhavam, com impaciencia, dentro de uma "trousse" de ouro.

— Perdeste alguma cousa, pequena ?

— Sim, filhinho, o meu *cigarro.*

— "Sonia", serve?

— Oh! não! o meu cigarro era de *chrystal.*

— Dize-me uma cousa, como te chamas?

— Esther.

— Esther, conta-me a historia de tua vida, todas as paginas negras de teu romance, todas as miserias que soffreste, a morte das tuas illusões, conta-me tudo.

Levantou-se, pegou em minha mão, e disse baixinho, num sorriso amarelo:

— Ouve, meu filho: toda a minha historia, todas as paginas negras de meu romance, a morte de minhas illusões, tudo, tudo. E' simples: AMEI...

E partiu, ligeira, alegre, cantando...

Foi comprar, talvês, algum *cigarro de crystal.*

ELLA disse que vinha.

Disse e jurou.

As estrellas sorriam nos jardins azues do

firmamento, e a lua fria... fria... muito fria... chorava lagrimas de prata.

...e o mar, o velho mar, o eterno "Pierrot", adormecido na esperança de um sonho verde, sonhava — o seu amôr, a sua Colombina.

Em tudo havia a saudade de um beijo de mulher.

Mãos invisiveis, divinas, de dedos magoados, tocavam musicas de dôr, nas cordas crepusculares da harpa da melancolia.

Os olhos pállidos, como perolas doentias, soffriam a nevrose do silencio e traçavam parábolas absurdas no calculo das distancias.

Tudo era silencio — silencio de morte, silencio de tumulo, silencio de mumia, silencio de cemiterio abandonado, silencio frio de uma noite fria.

Ella disse que vinha.

Disse e jurou.

Era ali... naquelle banco de madeira... debaixo do lampeão... junto do busto de Voltaire... era ali...

Os labios de pedra de Voltaire sorriam — o sorriso enigmatico das estatuas, o sorriso

ironico, o mysterio incomprehendido das esphinges, o sorriso de Voltaire.

Corria pelo ar um perfume mystico, mistura de Emeraude e Chypre, magnolia e sandalo.

Violêtas, violetas tristes dos canteiros humidos, violetas rôxas tingiam de rôxo a saudade do amôr.

O amôr... a vida... a ultima illusão...

Esperou — esperou muito — e depois... a mesma lua, o mesmo silencio, o mesmo riso de Voltaire, a mesma tristeza, o abandono... e, cansado, partiu — deixando em tudo a saudade de um beijo de mulher.

...emquanto os olhos choravam, os labios murmuravam baixinho:

Ella disse que vinha
e o coração repetia:
disse e jurou.

LUCIA rezava.

Um ambiente de paz, uma calma profunda, um silencio pezado envolviam a Igreja.

O incenso pairava, torcia-se, rodopiava,

alongava-se e desapparecia por todas as anfractuosidades dos altares.

As chammas das velas bruxuleavam e paulatinamente iam destruindo os seus pedestaes de cêra. O olhar da Virgem tinha o brilho apagado dos olhares que soffrem.

Era domingo de Carnaval.

Lá fóra a humanidade bestializada, ébria pelos vapores do ether, passava gargalhando, num plagio perfeito, numa risada escandalosa de "clown".

Gritos estridentes, histericos, apunhalavam o ar.

Lá dentro era o mesmo ambiente — reinava o silencio dos templos abandonados.

Jesus, coberto de chagas, tinha o sorriso enigmatico das estatuas.

Magdalena, a devassa d'outrora, reflectia pelas tintas do pintor, a laguidez tristonha das arrependidas.

Lucia rezava. Divinamente pállida, trazia no rosto a copia fiel das noites em claro. Trajava de preto. Nem um enfeite siquer, manchava a pureza de sua "toilette". Apenas

no dedo minimo, brilhava, pequenissima e perfeita, uma linda pedra de diamante. Tinha sido uma lembrança de sua Mãe — simples e modesta recordação.

Os dois grandes olhos negros de Lucia pareciam bailar ao som tristissimo de uma canção de dôr. As contas de madrepérolas do seu rosario succediam-se e passavam e tornavam a passar entre os seus delicados e nervosos dedos.

Eu conhecia Lucia. Filha de um commerciante opulento, creada entre tecidos finissimos de maravilhosos tapetes orientaes, envolta em um ambiente de luxo e de conforto, vivendo entre o contacto macio das sêdas carissimas e o aroma subtil dos perfumes raros, não tinha perdido a delicadeza de traços e a perfeição de caracter que ha nas almas simples e bôas das mulheres honestas.

Dezenas de rapazes, dos mais finos e polidos da alta aristocracia, tinham tentado, debalde, um sorriso de esperança e de promessa dos delicados e pequenos labios de Lucia.

Ella possuia para aquelles que a cercavam o mesmo intrincado mysterio que paira

nos labios de tinta da Gioconda de Leonardo da Vinci.

Lucia, como todas as mulheres, tinha tambem o seu segredo.

O seu coração não era da gelidez doentia das pedras de marmore.

Ardia, dentro em seu peito, o fogo divino das paixões.

E sempre, á tardinha, ao lusco-fusco, ouvindo o bimbalhar plangente dos sinos, nesta hora mystica em que o céo de anil se tinge em um turbilhão polychromo de côres berrantes, em que o espaço d'além soffre a metamorphose hellenica das tintas, nesta hora de alegria e dôr, de mytho e de fé, Lucia, genuflexa, rezava baixinho a Ave Maria da Saudade.

E o seu olhar em prece, percorrendo a amplitude serena do infinito, undivagando por sobre nuvens barioladas, sob um céo omnimodo de citrinas, numa orgia febril, numa apotheose mirifica de luz, implorava a Virgem pelo seu querido e adorado Paulo.

Paulo Diniz na pujança dos seus 22 annos, em plena mocidade, vivia entregue a uma

vida desbragada, passando noites de orgia na convivencia peccaminosa de rapazes viciados.

As mulheres que o rodeavam, eram essas creaturas doentias, conhecedoras profundas das mais finas sensações, viciadas pelos venenos dos toxicos, de olheiras terrivelmente sensuaes, de olhos languidos, sempre mortos, de labios feitos para o beijo, de mãos deliciosas para caricias, de corpos divinos, colleantes, capazes de poderem sentir com arte o fogo ardente das paixões compradas.

O olhar de Paulo espelhava a frieza doentia de uma noite de inverno.

No seu rosto divisavam-se as côres mortas de um crepusculo.

Lucia conhecia perfeitamente a especie de vida que levava Paulo. Mil vezes tinha pedido que elle se regenerasse para felicidade de ambos.

E elle beijando-a, cumulando-a de todos os affectos, jurava por todas as cousas santas que nunca mais haveria de contrarial-a.

E os dias e as noites se passavam e Paulo continuava a ser o mesmo estroina de sempre.

Lucia definhava a olhos vistos. Por um acto reflexo, sentia e soffria os mais delicados transes da vida de Paulo. Parecia uma flor que se estiolava preguiçosamente, sentindo a ausencia de um beijo ardente de luz.

Uma noite, sob um céo magnifico de estrellas, á luz apaixonada de um luar romantico, ouvindo o ciciar da brisa na folhagem e o rumorejar cascateante de um regato proximo, Lucia, nevrosada pela hypnose do amôr, entregando a polpa rubra dos seus labios em fogo á sêde lybica dos labios de Paulo, deixou-se vencer pela materia entre lagrimas de amôr e beijos de volupia.

Foi numa sexta-feira, ás 11 horas da noite...

Momentos depois Paulo era assassinado pela lamina afiada de um punhal de meretriz.

O seu corpo exangue foi encontrado á beira da calçada de uma rua esconsa, cahido, como uma flôr de carne, dentro de uma poça de lama.

Com Paulo, morreram todas as illusões de Lucia.

Nem uma lagrima brotou dos seus lindos olhos, nem um gemido se ouviu dos seus seios, nem uma contracção, por de leve, alterou a linha impeccavel de sua physionomia, ao receber a noticia da morte do homem que na vespera tinha possuido o seu corpo, do homem que era a essencia da sua vida, a seiva fertil das suas chimeras loucas. — Dizem que as grandes dôres são recebidas no maior dos indifferentismos.

Era domingo de Carnaval.

Dentro da Igreja reinava o mesmo silencio assustador dos grandes templos abandonados.

O velho candelabro de bronze, movido pela aragem fria do vento, oscillava isochronicamente desenhando traços confusos por sobre os bancos abandonados.

Junto ao altar da Virgem, Lucia continuava a rezar.

E lá fóra a turba desenfreada passava, diabolica e satanica, esgarçando o mais escandaloso dos risos, numa alegria febril, num desespero louco.

O AUTO corria célere na sêde vertigniosa de devorar as distancias.

Um céo azul, limpido, claro, como o antigo céo de Carthago, polvilhado de uma immensidade infinita de estrellas, parecia uma cravação fantastica de belleza em cujo centro uma lua, immensamente pállida e redonda cantava hymnos de amôr no teclado de prata das estrellas.

Na vertigem da carreira, o vento frio da noite cortava-me o rosto numa sensação esquisita de talhos de navalha. A estrada vermelha de barro alongava-se ante o silencio verde das folhas das arvores.

Pyrilampos verdes, azues, escarlates, de todas as côres, brilhavam entre as folhagens, como diamantes perdidos no fundo escuro de um tapête imaginario. Das lanternas amarelas do auto sahiam duas faixas encardidas de luz que rasgavam o negro da noite como duas linguas terriveis de fogo.

Encolhido no fundo do acolchoado do "Lancia", observava a minha companheira que parecia soffrer muito, pois os seus olhos

formosos de mulher da Hespanha estavam molhados de tristeza.

Carmen — era esse o seu nome — tinha sido até então, para mim, uma mulher banal de "cabaret". Todas as noites, invariavelmente, ella trajava de preto e cantava, com uma voz sentida e magoada, os ultimos tangos modernos e sentimentaes que surgiam no commercio. E quantas, quantas vezes, a sua voz maviosa de mulher bonita perfumava os meus ouvidos:

"Padre nuestro que estás en los cielos
Que todo lo puedes, que todo lo vés...
Porqué me abandonas en esta agonia,
Porque no te acuerda de hacerlo volver!
..........yo soy toda de el."

...e os meus olhos lembravam cousas do passado.

Uma noite, trocámos algumas palavras por occasião de uma "parada" elevada na mesa do "campista".

Fizemo-nos amigos. Era de Valencia. Formosa cidade situada perto da foz do Guadalaviar. E noites, após noites, Carmen, paula-

tinamente, ia desenrolando toda a historia de sua vida, desde a sua alegre e descuidada mocidade até os dias mais infelizes do presente. Falava machinalmente. A mesma historia de sempre.

Pobre. Um rapaz rico. Juras de amôr. Desillusões. Infelicidade. E depois... a realidade da vida.

Sempre, porém, que Carmen falava da Hespanha, não se esquecia nunca de falar do seu primeiro amôr.

A mulher jamais esquece o homem que lhe ensinou a peccar. E Carmen não podia fazer excepção — todas as mulheres, em materia de sentimento são iguaes.

Talvês, Carmen não fôsse bonita. Mas os seus olhos redondos, negros, e uns cilios longos, enormes, davam tanta expressão ao seu rosto que se podia dizer, sem mêdo de errar, que os seus olhos eram os mais lindos olhos negros de mulher.

Uma côr pállida, realçada pelo preto do vestido, dava-lhe uma tonalidade toda caracteristica, *sui generis,* emprestando-lhe ao conjuncto um *que* de differente de todas as

mulheres. O seu modo de falar, de dizer as cousas, era tão proprio que as palavras pareciam ter mais expressão, mais arte, mais sentimento.

Uma banalidade proferida pelos labios de Carmen nos fazia pensar em cousas serias. Ella era, em summa, o que se pode chamar uma mulher interessante. A's vezes nos causava mêdo, outras, porém, nos despertava algo de amor, de paixão.

A historia de sua vida era cheia de sangue, de mortes horriveis, de suicidios tragicos. Ha dois annos passados, em Portugal, um diplomata da missão franceza assassinou um filho por motivos de ciume e depois varou a cabeça com uma bala, tendo, antes, mandado uma longa e apaixonada carta a Carmen na qual narrava todo o seu grande amôr e as horas infelizes da sua vida. Como este, varios outros crimes se deram, e ella, a mulher de preto, tinha sempre nos labios uma gargalhada para os que morriam victimas do seu amôr. Vezes outras, porém, uma transformação brusca se operava e Carmen ficava com os seus lindos olhos sempre molhados de lagri-

mas pelos miseraveis, pelos desgraçados que só conheciam da vida o soffrimento, e dos prazeres do mundo, as migalhas de pão.

Um dia de sól, um dia quente de verão de um calôr canicular, Carmen, deliciosamente despida em um "peignoir" de sêda creme, falou-me da sua vida presente, da sua vida actual.

— Meu filho, depois da minha partida de Hespanha os meus olhos já viram tantos céos differentes e já miraram tanto no verde dos mares que penso viver num mundo eterno de illusões, numa terra prodigiosa de fantasias e chimeras loucas. A minha vida tem sido um sonho sem fim, povoado de castellos, sonho que se prolongará até o ultimo acto, onde, talvês, eu desperte. A morte, para mim, será a minha unica felicidade.

Bemdita sêja a morte quando a vida é um pesadelo. Pesadelo, meu filho, não é afflicção, soffrimento, é tudo o que não é realidade. E o peior de todos os pesadelos é a felicidade!

A virtude da mulher depende, exclusivamente, do caracter do homem. Não ha mu-

lher honesta quando o homem não o é. Alguem já disse que o primeiro amante de uma mulher ou é um imbecil, ou um miseravel.

Os imbecis não sabem amar nem comprehender o amôr.

Somente os miseraveis se aproveitam da nossa fraqueza. E a mulher, geralmente, prefere os canalhas aos homens de bem. Toda mulher que se apaixona por um rapaz timido e tido como um verdadeiro cavalheiro é uma mulher doente. O homem quanto mais devasso, mais conquistador, mais perigoso, mais nos attráe, mais nos seduz.

A mulher parece que foi feita para ser eternamente enganada, seduzida, conquistada. Ella só domina o homem quando não lhe tem amôr. Ahi, então ella é terrivel e só procura na ruina desse homem a vingança da sua propria ruina.

Nós, as mulheres da vida alegre (é assim que as *honestas* nos chamam) procuramos sempre ridicularisar o homem a tal ponto que todas percebam que elle, para nós, não é mais que um innocente divertimento, um alegre fantoche das nossas horas amargas. Quan-

do, porém, nós nos apaixonamos, de verdade, os papeis ficam invertidos e nos tornamos, então, nas bonecas que só sabem chorar e nas crianças que só sabem ouvir. Se o homem consegue sustentar o seu dominio de senhor, estamos perdidas para sempre; se o homem fracassa, o nosso triumpho é tremendo e os nossos labios não perdôam nunca.

Essas pequenas futeis de dezoito annos, de cabellos cortados "a la homme", que conhecem de cór todos os nomes dos artistas de cinema, e toda a especie de pornographia velada dos salões, e que se esfregam, por quinhentos reis, de encontro aos rapazes viciados nos "clubs" modernos de danças; essas pequenas que não perdem uma "*bolina*", nem desprezam as caricias medrosas das salas ás escuras; essas pequenas que preferem o dinheiro dos velhos das avenidas, aos beijos estudados dos namorados galantes, teem uma opinião differente e um modo de pensar diverso a respeito do amôr. Muito cêdo, ainda, ellas já não ignoram o segredo das "toilettes", o mysterio das alcovas perfumadas e as entrevistas, ás

occultas, nas casas suspeitas das mulheres polacas.

Antigamente, as *meninas de familia* procuravam nos imitar, com o fito de se tornarem mais elegantes, mais seductoras. Hoje, meu filho, somos nós, *as mulheres perdidas*, que vivemos rebuscando aqui e ali, num adorno de uma filha de ministro, ou numa fantasia da senhora de um senador, o que nos falta para completar a belleza núa dos nossos vestidos.

E não é tudo. Nos bailes, nas casas de chá, nos pontos elegantes de reunião, o nosso comportamento, o nosso modo de falar, de dançar, de contar uma anedocta de espirito, tudo, emfim, que parte de nós, tem mais discreção, mais decôro, e digo sem exaggero, muito mais pudor. Qual o rapaz que, nos tempos de agora, é capaz de distinguir na rua, sem mêdo de erro, uma senhora honesta (que vive com o marido) de uma outra que não é tida como tal?! Nenhum. Nós, mulheres que lidamos diariamente com a nossa *classe*, ás vezes, ou antes, muitas vezes, erramos quando quere-

mos nos certificar que espécie de mulher temos ao nosso lado!

Quanto mais... Se o meu amigo não me quizesse julgar maluca e sim procurar uma interpretação precisa para um paradoxo (paradoxo, para você; verdade para mim) de bom grado eu arriscaria.

— Ainda tenho confiança no seu modo de pensar.

— Pois bem. Hoje, quando se quer procurar uma mulher honesta é preciso ir buscal-a no bairro das meretrizes.

— Mas...

— Não procure discutir; nem venha com citações descabidas, querendo mostrar as excepções que as conheço bastante.

— Então...

— E' o que lhe digo. A mulher *perdida,* actual, é a mulher honesta.

— Não se offenda, mas...

— Sim. Comprehendo o que quer dizer. Despeito da minha parte, não é?

— ...

— Pois está redondamente enganado. Sei perfeitamente que, no meio de todas as de-

predações que se alastram de um modo espantoso por toda parte, ainda existe mulher seria. Nem poderia deixar de existir. Como tambem ainda se encontra menina de dezoito annos completamente alheia a esse modo depravado de vida, commum na sociedade de hoje. As excepções, porém, são raras, rarissimas, tão raras que se tornam, por assim dizer, nullas. Então devemos encarar, observar as cousas e, principalmente, julgal-as, pelo lado da maioria. E a maioria, meu caro, é como você sabe, você vê, e todo mundo conhece de sobra.

— Assim, é possivel que a razão esteja ao seu lado.

— Diga, francamente, não concorda commigo?!

— São modos de ver.

—De ver, não! De julgar, de observar, quer dizer você.

Se Carmen tivesse me olhado bem teria notado, nos meus labios, o esbôço de um riso ironico, cinico, perverso.

Uma pequena de nadegas fortes, redondas, e de uns labios grossos, sensuaes, entrou,

trazendo numa mezinha movel varias torradas e um jogo de chá. Depois de algum tempo, Carmen, accendendo um cigarro perfumado e collocando-o numa piteira escandalosa, com desenhos e incrustações a ouro, retomou o fio do nosso dialogo que tinha sido interrompido com a chegada da empregada.

— Ainda bem que você concorda commigo. Antes de ser o que sou, tambem fui seria e honesta.

— Natural.

— Não, natural não! Ha meninas que se tornam depravadas desde o inicio de um "flirt", ou perdem, de logo, a reputação com o primeiro namorado. Outras, então, sob o manto de uma innocencia que não existe, só esperam o momento propicio para darem expansão ao temperamento de fogo das suas carnes de femeas no cio. Eu, pelo contrario, sempre tive um temperamento frio e nunca me passou pela imaginação pensamentos que não fôssem puros, innocentes.

— Ah! Ah! Ah! E' bôa!

— Não admitto gracejos! Estou falando seriamente.

— A gargalhada sempre foi a prova do interêsse de uma palestra.

— Quando é natural, espontanea, e não...

— Perdão, não pensei offendel-a.

— Como eu ia dizendo, os meus pensamentos sempre foram honestos e jámais pratiquei, quando criança, acto algum que viesse pezar na minha consciencia. Tinha completa ignorancia de tudo que não fosse decente e (pode me acreditar) desconhecia até o segredo dos sexos.

— Foi o seu mal.

— E' possivel.

— Nunca frequentei uma escola publica ou particular. A minha familia muito pobre não me podia vestir decentemente, de modo a frequentar qualquer curso. As minhas lições eram dadas em casa pela minha tia, uma irmã de mamãe que morava comnosco. Por isso tive uma infancia sem o contacto alegre de amiguinhas e, talvês, fôsse essa a causa da minha completa inexperiencia nas cousas relativas a namôros, cartinhas de amôr, etc., etc....

— Penso que a criança deve, desde logo,

conhecer certas particularidades que só veem a saber depois de crescidas , quiçá, na velhice.

— De pleno accôrdo. O meu namoro, portanto, o primeiro e unico de minha vida, foi um namoro ingenuo, um namôro de criança de escola. E nesse tempo eu contava dezoito annos! Entreguei-me de corpo e alma ao homem que eu julgava digno do meu amôr, do meu sacrificio. Elle, aproveitando-se de minha innocencia, abusou, julgando, quem sabe, que eu tivesse me entregado porque não passava de uma cinica, de uma debochada. Os homens confundem innocencia com depravação. Do canalha que tanto amei, tive, para maior infelicidade minha, uma filhinha. Um anno depois a entreguei aos cuidados de um commendador muito rico e amigo de infancia do meu pae. O senhor não póde julgar a dor, o soffrimento de uma mãe que se vê, forçada pelas circunstancias, a abandonar o maior thesouro que uma mulher pode ter na vida — um filho. Depois, parti. E desde então, todos os meus pensamentos, toda a minha alma, pertenciam a minha unica filhinha. Ha cinco dias, porém,

recebi um telegramma de Hespanha com a mais triste e dolorosa noticia para mim. Minha filhinha, minha Dolores, tinha morrido num desastre de automovel. De agora em diante...

Varias lagrimas rolaram pelo rosto pállido de Carmen e um soluço triste, abafado, impediu-lhe que terminasse a phrase. A lagrima, nos olhos de uma mulher, a torna tão divina, tão bella, tão santa, que nos faz acreditar em Deus.

O auto levava uma velocidade de noventa kilometros. Parecia um louco em busca do impossivel. A corrente de ar deslocada era tão forte que quasi não se podia respirar. De vez em vez a buzina do "Lancia" soltava urros violentos, terriveis, como os dos animaes selvagens na escuridão tétrica da matta.

Dir-se-ia que o carro era o espirito negro de Satan, perseguido pela colera tremenda de Deus.

Carmen, recostada na almofada, a cabeça pendida para traz, o olhar parado — como se interrogasse o infinito — o rosto de uma pal-

lidez encardida, fazia-me pensar na estatua da dôr de Forvaldsen. Olhei-a e tive mêdo de interromper o seu silencio.

O auto accelerou a marcha como se quizesse disputar uma corrida com a Morte.

Alguns minutos depois senti os meus dedos molhados.

Accendi um phosphoro e, como hypnotizado, gritei com todas as minhas forças:

— Carmen! Carmen!

— . . .

— Carmen! Carmen!

No centro do acolchoado do "Lancia" uma enorme mancha vermelha, emquanto dos pulsos de Carmen, corria, lentamente, um filete rubro de sangue.

— Carmen! Carmen!

— . . .

Os seus olhos fecharam-se para sempre, e os seus labios se contrairam, ligeiramente, na esperança, talvês, de um ultimo adeus.

Morta !

Maria Alice

QUANTAS vezes, deitado em minha rêde do Ceará, fumando um "Liberty", tenho pensado demoradamente nas pequeninas cousas que, de logo, alteram, por completo, o destino, a vida de cada um de nós!

Quantas vezes tenho acompanhado, seguido de perto, o desmoronamento da vida das mulheres e a tragedia terrivel da vida dos homens !

E hoje que a tarde é fria e uma neblina leve, diaphana, estende-se por sobre a cidade, como um lençol finissimo de rendas delicadas, o meu pensamento, fugindo da balburdia cosmopolita do Rio, vôa, célere, ás regiões longinquas do norte e revolve, dos escombros do passado, toda a historia de amôr de uma mulher infeliz.

Machinalmente, as minhas mãos delgadas procuram, entre os papeis velhos que entolham a minha mesa, um caderno vermelho

onde se encontram, em forma de diario, impressões esparsas da vida triste de Maria Alice. Uma calligraphia nervosa, incerta, toda de letras miudas e nervosas, diz bem do temperamento irriquieto, ora fogôso, apaixonado, ora frio, indifferente, que foi Maria Alice

Bruscamente abro o seu caderno vermelho e os meus olhos lançam-se, de chofre, sobre as paginas do seu diario como animaes famintos sobre a carniça esperada.

E toda a sua vida desenrola-se ante os meus olhos.

Podia vos contar, agora, por outras palavras, a historia de Maria Alice.

Prefiro, porém, transcrever "ipsis litteris" as paginas do seu diario; eil-as:

Recife, 18-2-922 — Sinto-me só. O meu quarto lembra-me qualquer cousa vasia, sem vida, qualquer cousa fria e triste que não sei, que não posso explicar.

As flores dos jarros perderam o perfume e os meus olhos não mais teem o brilho dos diamantes de primeira agua — elles são como as lampadas fôscas. A realidade da vida se

me apresenta forte, viva, como um crepusculo de sangue. Todas as vezes ao cahir da tarde, os meus olhos choram e as minhas lagrimas queimam-me o rosto como se fôssem pontas de fogo.

Cada vez mais odeio essa humanidade cheia de vicios e miserias, esses preconceitos que, algum dia, hei de quebral-os, destruil-os, pulverisal-os, deixando na bôcca da sociedade um grito de pavôr e, então... talvês que eu seja mais feliz.

Recife, 28-2-922. — Ultimo dia de fevereiro, antes fosse o meu ultimo dia.

Meu pae, ébrio habitual, continua a chegar em casa nas horas orvalhadas da manhã. Mamãe "flirt" escandalosamente com o dr. Luis Cavalcante.

Hontem a surprehendi, presa em seus braços, num beijo ridiculo de amôr. Laura, minha irmansinha, com treze annos, só fala nas fitas de Rodolpho Valentino e nos beijos de John Gilbert. Arthur, meu irmão mais velho, continua com uma vida desbragada, frequentando as casas de jogo e no emprêgo

honesto de "caften" de Dolores sua esposa. Esta, cinicamente, sempre que me beija, morde os meus labios com volupia e passa entre os meus dentes a ponta molhada da lingua.

No dia 24, anniversario de Laura, Dolores, sentada junto a mim, roçou, de leve, a mão por sobre os meus seios numa caricia estudada de mulher devassa. Repelli-a com delicadeza. Fingiu não compreender e sorriu, um sorriso amarelo de desdem e de maldade.

A minha vida continua a mesma. Cercada de um luxo que me não agrada, vivendo entre cinicos e canalhas, o meu odio, o meu desprêzo, por toda essa gente, augmentam em proporções assustadoras.

Um dia tambem, forçosamente, hei de cahir e, como Cesar atravessando o Rubicon, gritarei bem alto: "Alea jacta est!"

Recife, 10-4-922 — Volto de uma chacara em Olinda. Guardo commigo o perfume suave, magnifico, das magnolias. Para mim, um pôr de sol em Olinda tem a belleza augusta dos crepusculos orientaes.

As magnolias com as pétalas carnudas,

rigidas, perfumadas, fizeram-me pensar na delicia dos beijos de amôr. Porventura existirá, ainda, amôr numa sociedade totalmente corrompida pelos vicios, pelos deboches, pelos prazeres ridiculos das casas suspeitas das *cocottes* elegantes?!

Porventura os cinemas com os "films" devassos, as danças escandalosas, a pornographia barata dos salões, as meninas masculinisadas, os homens-mulheres, a cocaina, a morphina, o opio, os banhos de mar, em plena nudez, as revistas escandalosas da vida moderna, os theatros immoraes, não destruiram, ainda, todo o encanto, toda a belleza, velada do amôr?!

Porventura?! Oh! não!

Hoje, o amôr, nem de longe, lembra o fogo ardente de paixão que vivia no coração dos antigos — amôr verdadeiro, capaz de enfrentar todos os sacrificios e de vencer todos os óbices para a conquista de um olhar.

Nos tempos de agora, que significa um olhar? Nada, absolutamente nada!

Os homens não mais reparam em nossos olhos e, sim, na variedade de tintas com que

occultamos as palpebras, no risco do lapis com que desenhamos as sobrancelhas e na disposição esmerada, contada, medida, dos nossos cilios.

Fantasia, dirão alguns, pura fantasia, a vida actual é encarada sob o ponto de vista pratico, sem as futilidades de antigamente, sem as historias banaes dos romances de amôr sem as escadas de sêda e sem as quadrilhas e os lanceiros enfadonhos.

Verdade para uns, fantasia para outros. Prefiro, mil vezes, a fantasia que a realidade! Segundo a maneira de se encarar a verdade, é possivel que a minha fantasia seja a realidade de uns. Póde ser, tambem, que realidade e fantasia signifiquem a mesma cousa. Quem sabe?!

Recife, 2-5-922. — Entediada fui ouvir, na Cathedral, o sermão de um sacerdote, orador fogoso e vibrante, que soube se impôr no conceito de todos pela sua intelligencia e pela sua grande e nobre superioridade de espirito.

Encostada em uma das columnas, assisti,

enojada, o vae-e-vem continuo dos que chegavam e dos que sahiam. Mulatas envôltas em chales espalhafatosos, recendendo naphtalina, tinham ares ridiculos de beatas profissionaes.

O templo, aos poucos, ia se enchendo numa confusão de raças e de classes, num ruido abafado de passos cautelosos.

Vendo as imagens ricas de ouro, de pedras de varias tonalidades, de gazas finissimas, os altares ornamentados com um luxo catholico e aquella multidão toda a se olhar mutuamente, quasi a mêdo, não sei porque recordei, baixinho, os versos de Ovidio, na Arte de Amar e pensei em Gilles de Rais e em Gsuibourg.

A Cathedral era, agora, apinhada. Na minha frente, uma mulher gorda beliscava uma criança que ameaçava chorar e, encostado tambem á columna, um rapagão alto, forte, typo verdadeiramente masculo, cheio de precauções, procurava se ligar mais a mim. Quiz reagir, afastal-o um pouco, e o meu corpo se comprimiu, fortemente, de encontro ao delle. Uma sensação estranha percor-

reu as minhas carnes, um "frisson" agradavel de volupia envolveu-me toda.

Durante a cerimonia religiosa senti o contacto forte do macho e, varias vezes, procurei luctar, sahir dali, reagir. Entretanto fiquei... Agora, em meu quarto, começo a comprehender... Receio que aquella sensação esquisita venha a ser o primeiro degráo de minha quéda.

Recife, 18-6-922. — Uma insomnia terrivel, irritante, não me deixa conciliar o somno. Um frio humido, molhado, entorpece os meus pés. Rajadas fortes de vento estremecem, com violencia, as janellas do meu quarto. Relampagos avermelhados riscam de luz o velludo escuro da noite. O meu "abat-jour" vermelho, côr de sangue arterial, parece uma cabeça decepada pendurada no tecto.

A coruja de marmore negro, posta á cabeceira de minha cama, olha-me satanicamente com uns olhos verdes de esmeralda.

Abro ao acaso, um livro, que possuo numa encadernação de couro de carneiro com as minhas iniciaes em ouro, e leio:

"Afim de que as meretrizes se distingam inteiramente das mulheres honradas, os bispos providenciarão, que para se apresentarem em publico se vistam com um trajo especial, que indique a sua condição vergonhosa e o seu genero de vida. Não se lhes permittirá, se forem estranhas á localidade, passar as noites nas estalagens ou tabernas, a não ser que o seu itinerario a isso as auctorise, e ainda neste caso não durará mais que um dia a sua permanencia. Em cada cidade os bispos designarão a estas impudicas os lugares da sua residencia, longe das cathedraes e dos sitios frequentados, em cujos lugares lhes será permittido viverem juntas, sob a advertencia de que se forem residir fóra dos limites d'este logar ou permanecerem mais um dia n'outra casa da cidade, serão severamente castigadas, bem como os donos das casas que as houverem recolhido.

Esta medida de policia se confiará particularmente á illustrada piedade dos principes e magistrados, aos quaes tambem nos dirigimos para que prohibam ás mulheres de má vida o uso de pedras preciosas, de ouro, pra-

ta e sêda nos seus vestidos, e sobretudo para que expulsem todos os infames que se entregam ao lenocinio".

Ah! a religião, esse polvo de tentaculos trahiçoeiros, sempre a predominar, desde ás épocas mais remotas, nos destinos da nossa civilisação, na intimidade das familias e, particularmente, no segrêdo dos lares!

Que differença existirá entre uma menina que, vivendo sob o tecto da familia, dentro do seio da fina sociedade, recebe, horas mortas, os namorados nos portões entre beijos prolongados, caricias indecorosas, e uma outra que, trahida no seu amôr, o qual julgava verdadeiro, foi forçada pela familia (que devia ser a primeira a amparal-a) a ser expulsa da convivencia dos seus e viver, d'ora avante, entregue aos vendavaes da sorte, a isto obrigada para a sua propria manutenção?!

Que differença haverá entre uma senhora que, vivendo com um homem, protegida por todas as leis e religiões, frequenta as casas suspeitas, sem deixar de fazer parte da sociedade, e uma pobre mulher que, victima

da falta de caracter de um homem qualquer, mercadeja, ás escancaras, o seu corpo, talvês, para o sustento de uma familia innocente?!

Effectivamente, ha mulheres terriveis, nymphomaniacas, que vivem, exclusivamente, para os prazeres e as sensações da carne sem, nunca, terem tido um ideal na vida, um ponto qualquer que podesse servir de alvo para os seus sonhos futuros. Estas, porém, são as doentes, fazem parte da excepção que não póde deixar de haver em tudo.

Honesta, todavia, no sentido real do vocabulo, deve ser toda mulher que, emquanto estiver na companhia de um homem, viva só, somente, para esse homem.

Neste caso não podemos chamar de meretrizes (significando deshonestas), as mulheres que, apezar de não terem se ajoelhado diante de um padre e ouvido, de um juiz, palavras convencionaes de um codigo nojento, vivem ,embóra fóra da sociedade, em companhia de um homem e que a este dedicam todos os carinhos e com elle sofffrem todos os revézes e experimentam, amargam, as mise-

rias de um mundo cheio de hypocritas e de refinados canalhas.

Não será a sociedade um grande "rendez-vous" onde os actos de amôr são praticados ás occultas ?

Não será a sociedade o maior nucleo de prostituição?

Ora, que differença haverá, então, entre uma prostituição que se occulta e outra que se apresenta tal qual como é?! Uma, somente: na que se occulta, os homens pagam muito mais caro, ao passo que, na outra, o preço é muito mais modico.

Entre Dolores e uma mulher da rua que distincção haverá?

Recife, 20-7-922. — Tenho andado, ultimamente, muito nervosa, irrito-me por um nada. Domingo passado, á tarde, na praia de Olinda senti um mal estar inexplicavel ao choque de uma onda que, batendo forte sobre os meus seios veiu me lançar por cima de um rapaz; os meus olhos turvaram-se, cahi sobre a areia e perdi os sentidos durante alguns minutos.

Quando permaneço em pé, muito tempo, as minhas carnes tremem como se estivessem sentindo frio e se apodera de mim uma forte vontade de chorar. Hontem, á noite, lendo um livro de Maurice Leblanc, fiquei com um pavor, um mêdo, um receio tão grande que fui obrigada a pedir que a Joanna, criada de confiança da casa, viesse dormir commigo. Os beijos de Dolores já me não provocam nenhum movimento de repulsa, mas, pelo contrario, noto que eu mesma os tenho procurado.

Os meus sonhos são verdadeiras scenas lubricas de amôr, de deboche, de libertinagem, e dos papeis, os mais devassos, sou a protagonista.

Vejo-me, ás vezes, na necessidade de consultar um medico, falta-me, porém, a coragem e um motivo todo imprevisto surge sempre nas occasiões em que me acho doente.

Um desejo de perambular, alta madrugada, pelos bairros immundos, de percorrer todas as tascas miseraveis, as tabernas repugnantes, de conhecer, de perto, toda a classe de malfeitores, de viver com elles na commu-

nhão de todos os sentimentos, de vender, em leilão ,o meu corpo aos degenerados, filhos espurias do crime, praticar, emfim, os mais selvagens actos de loucura é o pesadelo constante das minhas noites de insomnia.

De uma feita sonhei que um russo, porém, um russo negro, lacaio de um poderoso Tzar, cautelosamente penetrava em meu quarto, deitava-se na minha cama, rasgava com os dentes a minha camisa rosea de sêda, e, com uma lingua grossa, aspera, muito quente, me lambia da cabeça aos pés; em seguida, torcendo-se todo na cama, dava uma dentada terrivel nas minhas côxas. Acordei gritando e o meu corpo estava inteiramente dolorido.

Nestes ultimos dias, tenho emmagrecido bastante. Hei de reagir! Em breve, estarei novamente fortalecida. Amanhã, irei passar na fazenda de Dolores, no Estado de Alagôas, algum tempo. E' possivel que o ar puro do campo venha fortalecer o meu espirito combalido pelas tragedias intimas da carne.

Pacas, 3-8-922. — Habituada á vida de

cidade, vivendo, desde criança, entre as almofadas dos automoveis e o confôrto exaggerado dos salões ricos, nunca julguei que a vida do campo tivesse tanto encanto e tanta poesia! Vendo Recife, somente, através dos meus sonhos e do esfuminho das distancias, experimento uma sensação nova que me conforta e me alegra. Todas as manhãs quando o sol, com as suas faces rubras de sangue, desperta do seu leito branco de nuvens e vem, soberbo, imponente, mostrar-se a todos numa apotheose quente de luz, os caboclos passam fortes, peitos largos, braços desnudos e seguem, cantarolando, para a plantação das cannas que se alastram pela planicie como um enorme, immenso, tapête verde.

A' noite, os moradores reunidos sob o alpendre da *casa grande,* contam historias inverosimeis de caçadas, de "mulas de padre" e, alguns delles, a pedido do Anastacio, o gerente da fazenda, cantam modinhas apaixonadas nas cordas tristes dos violões romanticos.

Sinto-me outra, inteiramente outra, no meio dessa gente rude, sincera, que não co-

nhece hypocrisias, não faz commentarios mundanos e não frequenta, ás cinco, as casas de chá.

Pacas, 13-9-922. — Recebi, hoje, uma carta de Mamãe se lastimando muito da sorte de Arthur pelo facto de Dolores o ter abandonado e seguido, com um rico plantador de café, para a cidade de Ribeirão Preto.

Era o fim innevitavel de Dolores!

E Arthur? Continuará com aquella vida desbragada? Procurará se regenerar? A's vezes, a loucura de uma mulher tem grande influencia no destino de um homem. Diz Mamãe que elle se encontra cansado, abatido, muito depauperado e virá passar um, ou dois mezes aqui na Fazenda.

Para os viciados o campo é um bom sanatorio.

Pacas, 2-10-922. — Ha individuos que, de logo, se nos afiguram personalidades proprias talhadas para o triumpho magnifico dos que dominam, dos que vencem; individuos que

possuem o segredo divino dos dominadores e a magestade augusta dos deuses!

Arthur será sempre um desgraçado, um miseravel, um pobre infeliz.

Nunca será um homem! Ha quasi um mês na Fazenda, e, como um furacão violento que passa na sêde iconoclastica de destruir, Arthur, tambem, onde se encontra, deixa os vestigios tristes da sua passagem e a lepra da sua corrupção.

As caboclas innocentes não mais, á luz da lua, passeiam despreoccupadas pelo campo e não mais, á noite, cantam fadinhos á sombra da *casa grande*. Interrogando algumas, em segrêdo, disseram, numa voz tremula, enrolando os dedos nos vestidos largos de chita: — "nós temos mêdo do *seu* Arthur".

Um dia atraz, a Rosinha, filha do Tiburcio o vigia da Fazenda, uma cabocla forte, de nadegas roliças e cabellos pretos, lisos, veiu, chorando, contar que *seu* Arthur tentou beijal-a á fôrça.

Penso, ás vezes, falar directamente a meu irmão, receio, porém, que elle, com o genio terrivel que tem, seja capaz de commetter al-

guma violencia. A' vista de tudo isso não sei que attitude tomar.

Pacas, 16-11-922. — Tudo perdido para mim! As minhas illusões, os meus castellos, os meus sonhos, ruiram de uma vez! Eis-me só, anniquilada, jogada ao mundo, como essas pobres mendigas esfarrapadas, nojentas, que vivem a supplicar, na encruzilhada dos caminhos, a esportula dos corações generosos.

Tudo perdido !

Os meus olhos percebem, ao longe, o mysterio do desconhecido, e meu coração, pobre coração, tão moço ainda, soluça e soffre e sente, de perto, as mizerias da vida, e cáe, cheio de dôr, tinto de sangue, pelo punhal miseravel, covarde, do destino cruel!

Ter a vida despedaçada aos vinte e dois annos, sem nunca ter amado, sem ter sentido, de encontro aos meus labios, o calôr de outros labios, e sem, nunca, ter podido murmurar, ao lado de outro corpo, essas palavras banaes que dizem tanto: eu te amo!

Arthur, eu te perdôo e, no entanto, o mal que me fizeste, não podes, não podes, jámais,

aquilatar! O sangue maldicto que corre em tuas veias é esse mesmo sangue que me faz falar, é esse mesmo sangue que te perdôa, Arthur! Sê feliz! Muito feliz!

Que importa a ti que eu venha a ser uma desgraçada?! Que a minha vida seja igual a dessas infelizes que possuem o corpo marcado pelas mãos brutaes dos miseraveis como tu?! Oh! não quero te offender!

Mas, eu soffro, soffro, soffro tanto que não posso calar!

Arthur, Arthur, por que fizeste isso? Não vias, porventura, que eu era tua irmã? Não! não! tens razão, os miseraveis não veem!

Ah! se eu podesse dizer como alguem já disse: "Adeus! Adeus! Adeus! Fujo de ti, levando para desertos áridos, sáfaros, longinquos, ás regiões do Esquecimento, lá, muito para lá da monstruosa Terra, o unico talisman precioso que me déste — a Dôr".

Amanhã, quando eu passar pelas ruas, as minhas amigas, as minhas collegas, a sociedade, todos hão de dizer com emphase e com desdem: lá vae uma meretriz! Ouviste, Arthur? Uma meretriz! O mundo é mesmo as-

sim e, quem sabe, talvês, tu mesmo digas aos teus amigos, fazendo côro com elles: lá vae uma meretriz! Podes dizer, podes falar que eu te perdôo! E's tão baixo, tão vil, que não mereces o meu odio, nem o meu desprezo e, quiçá, a minha vingança!

Um dia, tambem, has de cahir e a tua quéda será brutal, desastrada, e, ouve, escuta: quando estiveres na desgraça, bate em minha porta que receberás o sufficiente para matar a tua fome. Bate! Mas, quando bateres, tem cuidado, porque pode estar em meu quarto, em minha cama, algum bebedo ou algum cretino. E será com o dinheiro de um, ou de outro, que hei de matar a tua fome!

Se, por acaso, o teu corpo precisar de outro corpo, a tua carne necessitar de outra carne, vem, vem, que te esperarei com os braços abertos! E, então, Arthur, não precisas que me prendas as pernas, nem que me amarres os braços, nem que me tapes a bocca, porque não gritarei, não procurarei luctar, não me debaterei, e, mais uma vez, serei tua, toda, pois que não passo de uma meretriz vulgar! Quando saciares a tua sêde de volupia, não co-

brarei o preço do meu corpo e nem chamarei a policia para te prender !

Adeus, parto bem para longe! Socega, que o teu crime, nunca será descoberto! Quando perguntarem por mim, inventa alguma cousa, uma mentira qualquer, tu sabes bem o que deves fazer...

....

(Dois annos se foram desde o dia da desgraça, da infelicidade de Maria Alice. Os scenarios mudaram completamente. Alguns artistas morreram e outros vieram substituil-os. Arthur, por exemplo, falleceu em um sanatorio, intoxicado pelo abuso da cocaina. Dona Amalia, mãe de Maria Alice, perdeu o marido em um desastre de automovel, e, hoje, afastada da sociedade, vive em um lugarejo na companhia de um major reformado do exercito. Sob a protecção de um velho senador, Maria Alice, reside, actualmente, rodeada de confôrto, em um rico "bungalow" na praia de Copacabana. — Voltemos ao diario.)

....

Rio, 4-1-925. — Noite magnifica de luar. A lua parece um coração de mulher exposto

na vitrina da noite. E as estrellas gotticulas de prata rolando das pupillas enormes do infinito.

Copacabana, assim, ás 2 horas da manhã, é como um grito de volupia perdido no mysterio dos desertos immensos de areia.

O luar, forte, violento, rasgando a tristeza da noite, tem a belleza divina de um psalmo de agonia.

Um pouco de felicidade, mixto de alegria e de bem estar, tem, nesses ultimos dias, fortalecido o meu espirito e, como que, tonificado todo o meu organismo.

Hoje, pela manhã, quando o mar em furia, vomitava a sua colera no desespêro das ondas e estas, brancas de espuma, arrojavamse impetuosas sobre o parapeito de pedra do passeio, na volupia doida de destruil-o, passou rapidamente, diante dos meus olhos, toda a historia infeliz do meu passado, todo o vendaval cyclopico de soffrimento que devastou a minha alma e corrompeu, carcomeu para sempre, a alegria de minha existencia.

Fumaça que o vento levou...

O passado, para mim, não mais existe — sonho que se foi dentro da realidade da vida.

Cercada de todo o luxo possivel, tendo tudo o que desejo, falta-me apenas, uma cousa: o amôr! Poderei compral-o? Poderei conseguil-o?

Como?!

O futuro que responda!...

Rio, 23-3-925. — O "cabaret" regorgitava. Frequental-o era um desejo antigo e que, somente hontem, foi satisfeito, graças á maneira astuciosa pela qual concatenei os meus planos.

Mulheres, de todas as classes e de todas as raças, enchiam as mesas, numa algaravia desbragada de prazeres falsos. Labios vermelhos, como papoilas fortemente rubras, espoucavam, de vez em quando, em gargalhadas doidas.

Mulheres outras, cabellos em desordem, com os vestidos de sêda ensopados de "champagne", mordiam, rasgavam, numa nevrose estudada, as cartas pornographicas dos amantes indecentes.

O "cabaret" parecia uma apotheose aberrante de luxuria!

Velhos e rapazes, cabeças brancas de neve e cabellos pretos de moço, confundiam-se na communhão cinica dos deboches.

E os meus olhos, não sei porque choravam...

Lá no fundo do salão, em uma mesa isolada, um rapaz extraordinariamente pállido, de cabellos castanhos, encaracolados, olhava com uma tristeza tão grande nos olhos que, seu pensamento, parecia estar longe, muito longe de tudo aquillo.

— "E' um poeta, um viciado, um estróina, um perdido, esbanjou em noites de orgia, uma fortuna de dois mil contos e, hoje, vive á custa das mulheres. E' capaz de praticar todos os crimes, as calumnias mais tôrpes, as maiores infamias, por meia gramma de cocaina. Chama-se Fernando e, na róda alegre que frequenta, é conhecido pela alcunha de "o polvo". — Disse-me tudo isso o velho senador, com uma naturalidade terrivel, emquanto accendia um charuto encardido pela poeira do tempo. Qualquer cousa me diz que a mi-

nha vida, algum dia, ha de se prender á vida de Fernando.

Aquelles cabellos encaracolados, aquelles olhos verdes, parados, immoveis, aquelle todo de triste, algo de poesia e sonho, aquella vida bohemia, aquelle rosto pállido de peccador, vieram despertar em minha alma um sentimento de piedade, um que de melancolia e...

um
pouco
de
amôr.

Rio, 15-4-925. — Não me foi possivel mais supportar a ausencia de Fernando e mandei-lhe uma carta narrando a historia de minha vida e, com uma franqueza que me é natural, declarei-lhe todo o meu grande e sincero amôr.

Ha quatro dias que espero uma resposta qualquer — uma duvida estranha não me deixa descansar o espirito. A's vezes penso na bondade, na dedicação do senador para commigo e um ligeiro remorso paira sobre a mi-

nha consciencia. Depois... "et ce n'est pas pecher que pécher en silence".

Não! não! tudo hei de sacrificar pelo meu amôr! Elle será verdadeiro, sincero, e nunca, nunca, o occcultarei !

Hei de triumphar! Hei de vencer! E se a sorte me for adversa "a quelque chose malheur est bon!"

Rio, 21-4-925. — Meia-noite. Um silencio frio brinca nas folhas das arvores. Tristeza! Melancolia! Uma brisa leve, subtil, envolveme toda numa caricia longa, prolongada.

Nem uma ponta de luz no scenario da noite.

Trevas !

Escuridão!

Longe, muito longe, uma pequena nuvem branca arrasta-se silenciosa, e vae, e desapparece pela amplidão immensa, sem fim. Parece até um esquife de noiva carregado pelas "mãos andejas do vento".

Os cães ladram desesperadamente como perdidos na noite.

A noite é como um "abat-jour" de velludo negro cobrindo inteiramente a cidade.

Nem um pedaço de oiro, nem um fragmento de prata!

No meio de todas as cousas negras, somente a praia de Copacabana é como que uma pincelada branca de tinta no fundo escuro do quadro da noite.

Uma angustia infinita recalca a tristeza que se sente em tudo.

A natureza parece desmaiar e morrer numa vertigem de volupia.

A atmosphera condensa-se numa febre de pavor. As flores, apenas as flores dos canteiros occultos, embellezam toda essa tristeza com o perfume magico das suas pétalas de sangue.

Os meus olhos são como labaredas doidas que devoram, voluptuosamente, o mysterio da noite.

Esse negror pesado, profundo, que se desdobra, só me parece uma gargalhada negra de odio e de traição!

Ha em todo o meu corpo um amollecimento morbido como se tivesse tomado uma

dóse grande de morphina. Um gallo, distante, lança o seu canto magoado de amôr.

....

E' preciso partir!

E a noite, assim, me causa mêdo !

Uma saudade do passado, uma saudade da vida, uma saudade de tudo e uma angustia parada, uma tristeza crepuscular, um começo de madrugada ante os meus olhos...

Eis-me, novamente, entre Scylla e Charybdes. Se partir, talvês, encontre o meu calvario; se ficar, talvês encontre a morte. Entre o soffrimento e a morte é difficil a escolha.

Partirei !

Quem, como eu, tem luctado contra o destino, experimentado todas as miserias do mundo, passado por todos os degraos da vida, adversidade ou fortuna significam a mesma cousa !

Fernando, jogo a teus pés a minha ultima felicidade !

E's um perdido, um viciado, que importa?! Amo-te! E o meu amôr, o meu primeiro amôr, o meu unico amôr, perdoará os teus

crimes e viverá emquanto viveres, e morrerá quando morreres !

Crê, Fernando: não conheces o romance de minha vida, mas te juro, por tudo que é sagrado, que jámais amei outro homem! Meu corpo tem passado de mão em mão como os objectos que se vendem, porém, o meu amôr, ainda não foi á venda e se conserva puro, immaculado, como o sorriso alegre das crianças innocentes.

Parto! Partirei, hoje mesmo, comtigo!

— "La raison du plus fort est toujours la meilleure!"

Rio, 17-8-925. — As minhas joias, os meus objectos de arte, os meus vestidos, foram vendidos, trocados e empenhados. Ha dois mezes que o senhorio reclama o aluguel do predio. Até o "bungalow" de Copacabana que me foi presenteado pelo senador, de ha muito que foi vendido por uma bagatela, uma ninharia.

Estou núa, completamente núa, desprovida de tudo.

Fernando é um verdadeiro sorvedoiro de dinheiro. Gasta estupidamente.

Amanhã, ou depois, serei obrigada a trabalhar para não morrer de fome.

— "Nessum agior dolore Che ricordarsi del tempo felice Nella miseria".

Supportarei, resignada, as loucuras de Fernando, com tanto que elle seja só, somente meu. Propalam, porém, em surdina que a Lôla, artista mediocre de "cabaret" de segunda classe, ultimamente não o tem deixado um só momento. Razão, de sobra, tinha Ninon de Lenclos quando disse que "em amôr, a ingratidão dos homens é quasi sempre o premio dos nossos beneficios".

A's vezes, quando me sinto desesperada da vida, tenho impetos de correr á gaveta da secretaria de Fernando e roubar, para mim, algumas grammas de cocaina.

— "In vitium ducit culpae fuga."

Penso, porém, que a minha desgraça augmentaria a infelicidade delle, e, então, o meu consolo é chorar, chorar muito...

Rio, 17-9-925. — Faz, hoje, um mês, que Fernando me abandonou completamente. Nunca mais o vi. Apenas, o seu retrato é a

minha unica felicidade. Partirei, novamente. Bem para longe...

Maldito destino de cigana!

....

....

De um jornal da Bahia, recortei e preguei, em uma das paginas em branco do diario de Maria Alice, a seguinte noticia:

> "Hontem, á noite, em um dos aposentos da Pensão Elegante, uma pobre rapariga, depois de ingerir forte dose de estrychnina, veiu a fallecer, apezar dos cuidados medicos.
>
> Em uma das suas mãos, estava, amarrotado, um bilhete escripto numa calligraphia tremula, denotando talvês, o estado moral da victima. O bilhete que parecia ser dirigido a algum amante, era simples e laconico:
>
> *"Adeus Fernando!*
> *Morro, e o meu ultimo pensamento é teu!"*
>
> A policia investigando, apenas, con-

seguiu saber que a infeliz se chamava Maria Alice".

* * *

Automoveis, carroças, caminhões, passam num barulho infernal. Meu pensamento recorda o verso com que Eneas começou a historia tragica do cerco de Troia:

— "Animus meminisse horret."

Triste realidade

QUARTO verde de "garçonniére" moderna. Lampada verde. "Abat-jour" verde. Almofadas verdes. Divan verde. Flores verdes. Penumbra verde. Tudo verde.

ELLE — 20 annos.
ELLA — 18 annos.

SCENA I

ELLE

(Só. Deitado por sobre o divan. Olhos semi-cerrados, fala machinalmente)

— Fumaça azul de um cigarro perfumado, olhos mortos que sonham, fantasias morbidas, illusões que morrem, "champagne" que ferve nos labios vermelhos das taças de crystal, delirio sensual das orgias de "cabaret",

mulheres que passam no farfalhar das sêdas, beijos loucos de amôr, noites interminas, nevroses de opio, a vida em seus prismas diversos, a sociedade, o mundo, tudo, tudo não passa de uma triste mentira.

Alguem já disse que na penumbra as almas se veem melhor. Sim, porque á penumbra falta a intensidade forte da luz, porque na penumbra existe a imperfeição, porque o nosso espirito, sedento de sensações, busca transformar a realidade que vê, sente, e apalpa, na mentira que foge, na mentira da penumbra.

A belleza de Gioconda está na mentira dos seus labios que não riem.

A verdade é o grito forte da nudez. O nú só é bello nas estatuas, onde a perfeição, fugindo á realidade, se conjuga com a mentira.

Na madrugada das noites escuras, sente-se o perfume do desconhecido.

A mais feliz de todas as mentiras é aquella que não se conhece, e a mais sublime de todas é a mulher.

Ha mulheres que são, por assim dizer, a

mentira viva de um pedaço de carne. Mulheres ha, porém, que encarnam com mais requinte a mentira.

Estas são as privilegiadas. Neste ról vamos encontrar a mais perfeita encarnação da mentira, na plastica esplendida do corpo magnifico da mulher *artista*.

Ella é o espelho vivo da vida, nos seus mais diversos aspectos, nas suas mais variegadas formas. Vemôl-a no papel macabro da mulher satanica, da mulher lubrica, que vende os seus beijos de fogo, na sêde de vingança, na delicia morbida de fazer soffrer, com seus labios de febre, os incautos que se perdem no labyrintho intermino dos prazeres falsos.

E ella, bacchante, theatral, cabellos desgrenhados, numa gargalhada vermelha, é a interpretação mais perfeita do typo que encarna e, ao mesmo tempo, a mais verdadeira das mentiras.

Depois, a transformação é total. Ella é ingenua, tem os olhos em prece, a face pállida e macerada de uma freira ,e reza com fé, e soffre com resignação, o desmoronamento de

suas illusões, a morte de um amôr que lhe era o consolo de suas horas amargas e o grande, o enorme sacrificio de sua vida. Mais uma vez temos a mentira da vida, a mentira da realidade.

Vemos, desde os tempos remotos em que a areia fôfa dos coliseus era borrifada com o sangue rubro dos gladiadores, a mentira triumphando nos scenarios vivos da vida.

E quem melhor poderá perfumar a mentira que os labios de uma mulher?!

Ninguem!

SCENA II

(Por sobre o divan dois corpos nús que se abraçam)

ELLE

Meu amôr, olha-me bem! Os meus olhos teem reflexos ébrios de paixão.

O meu corpo tem sêde; mata-me esta sêde! Beija-me... beija-me mais...

Quero ver os meus labios sangrarem, mor-

didos pelos teus. Assim! Toma-os! chupa-os! morde-os com loucura, doidamente...

ELLA

Meu amôr...

ELLE

Minha Salomé escandalosa, minha perola de fôgo, minha Sulamita doentia, offereço a minha carne, em holocausto, ao tabernaculo divino dos teus beijos de febre.

ELLA

Devias ter contratado uma orchestra barulhenta, cujos instrumentos fossem tocados por labios, ainda virgens de sensações, que executassem, com arte, musicas aphrodisiacas e nos fizessem lembrar qualquer cousa mystica de carne e de poesia. E verias, meu amôr, o meu corpo de ambar torcer-se todo, enroscar-se em contracções macabras, os meus labios coroarem-se da espuma branca do sensualismo enervante e, por fim, vencido o meu corpo, cahir exhausta entre os teus braços, na mais deliciosa hypnose do gôzo.

ELLE

Para que musica melhor que a dos teus beijos infernaes?! Para que melhor aphrodisiaco que o perfume estonteante dos teus cabellos e o contacto macio das tuas carnes quentes de velludo?!

O teu corpo moreno, na tristeza esmaecida das côres pállidas, a agitar-se e mover-se, ante a pressão delicada das extremidades nervosas dos meus dedos, parece uma harpa a gemer queixumes magoados na noite prateada dos céos orientaes.

ELLA

Como as tuas palavras me fazem bem! Como eu sinto arrepiar-me toda quando falas baixinho e os teus labios tocam, de leve a polpa rubra dos meus labios. Vê como o meu corpo freme, anceia e mendiga, numa supplica de volupia, a esmola sensual dos teus carinhos !

ELLE

Não me olhes assim, o teu olhar me envenena !

No fôgo de tuas pupillas arde o opio do meu sonho. E se algum dia me deixares, soffrerei a angustia dos naufragos.

O meu cerebro estava adormecido na coma espiritual das fantasias irrealisaveis. Para que vieste acordal-o quando elle se embriagava, bebendo tristezas nas gottas orvalhadas dos lirios moribundos?!

Ah! meu amôr, se eu possuisse o segredo dos milagres, transformar-te-ia em sensação para o meu espirito pantanoso.

Do teu corpo de peccados — faria uma piscina de ether; da tua cabelleira de treva — uma gôndola de beijos; dos teus olhos verdegaio — dois pequeninos e irrequietos vagalumes; dos teus longos dedos de neve — uma harpa de crepusculo.

E deitado na gôndola de tua cabelleira; balouçando na piscina de teu corpo, magoando o meu ouvido com as notas nevoentas, das cordas tristes dos teus dedos crepusculares, assistiria ao bailado funebre dos teus olhos — malabaristas verdes das noites negras — morrendo na volupia do ether, desenhando parabolas coruscantes em saltos loucos de agonia.

Deixa, meu amôr, que eu sepulte, no cemiterio de carne do teu corpo, a minha alma de Pierrot.

ELLA

Pierrot...

Borrão de alvaiade no manto escuro das noites tempestuosas!

Pierrot...

Lapis de cal com que se escrevem hypocrisias brancas de amôr!

Pierrot...

Punça de cocaina para a maquilhagem dos bailes !

Pierrot...

Passado innocente de Colombina !

Oh! como eu te odeio Pierrot!! Quem me déra destruir de minha imaginação a lembrança idiota de teu amôr. Elle é tão frio, tão algido, que me faz lembrar o palôr anemico das perolas doentias. Não! não me fales de Pierrot! Prefiro, antes, Arlequim, ironico sarcastico, e refinadissimo gozador.

ELLE

Pierrot e Arlequim — poeira branca de cinza de um passado longinquo.

Sonho de amôr que viveu e morreu nos labios de Colombina. Fragmentos de oiro de um crepusculo de amôr.

Pierrot e Arlequim vivem, somente, na saudade de Colombina.

ELLA

...na saudade de Colombina.

ELLE

O teu corpo, embriagado no sensualismo desvairado das nymphomaniacas insaciaveis, pede carne para a tua carne; beijos de fôgo para os teus labios de braza; bôccas ébrias de sangue-sugas para os teus seios hirtos de luxuria.

ELLA

Bemdito seja o teu amôr que me faz viver longe da vida, longe do mundo, e perto, somente perto de ti!

ELLE

Meu amôr...

ELLA

Meu amôr...

SCENA III

ELLE (*só*)

(*Lendo um bilhete escripto em papel azul á penumbra do "abat-jour" verde*)

..."como sabes, meu filho, não se póde viver sem dinheiro e a minha situação financeira não permitte manter um "gigolô".
Adeus.

ELLE

(*sorrindo e queimando o bilhete*)

Pobre mulher!...
A vida não passa de uma grande mentira!
Triste realidade!

INDICE